

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO” - UNESP  
INSTITUTO DE ARTES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES (PROF-ARTES)**

**THABATA VECCHIO**

**AUTODOCUMENTÁRIO:  
ensino do documentário para uma investigação autobiográfica nas escolas**

**SÃO PAULO  
2023**

**THABATA VECCHIO**

**AUTODOCUMENTÁRIO:  
ensino do documentário para uma investigação autobiográfica nas escolas**

Artigo apresentado ao Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Artes - PROF-ARTES do Instituto de Artes, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Área de Concentração: Processos de ensino, aprendizagem e criação em artes.  
Orientadora: Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli

**SÃO PAULO  
2023**

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

---

V398a Vecchio, Thabata, 1996-

Autodocumentário: ensino do documentário para uma investigação autobiográfica nas escolas / Thabata Vecchio. -- São Paulo, 2023.  
90 f. : il. color.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Rita Luciana Berti Bredariolli  
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Arte na educação. 2. Documentário (Cinema). 3. Autobiografia. 4. Narrativas pessoais. 5. Cinema - Estudo e ensino. I. Rita Luciana Berti Bredariolli . II. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes. III. Título.

---

CDD 791.43

Bibliotecária responsável: Mariana Borges Gasparino - CRB/8 7762

**THABATA VECCHIO**

**AUTODOCUMENTÁRIO:**

**ensino do documentário para uma investigação autobiográfica nas escolas**

Artigo apresentado ao Programa de Pós Graduação Mestrado Profissional em Artes - PROF-ARTES do Instituto de Artes, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" - Unesp, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Artes.

Artigo aprovado: 05 de maio de 2023

---

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli - Orientadora:  
Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes (UNESP - IA)

---

Profa. Dra. Rejane Galvão Coutinho  
Universidade Estadual Paulista - Instituto de Artes (UNESP - IA)

---

Profa. Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pereira  
Universidade Estadual Paulista - Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação  
(UNESP - FAAC)

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu. (FREIRE, 1997, p. 42)

## RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo a construção de uma proposta pedagógica a fim de contribuir com a democratização da linguagem do audiovisual nas escolas através do ensino do documentário, além de estimular narrativas pessoais por meio de produções autorais e biográficas dos estudantes. Buscou-se compreender a investigação autobiográfica como desenvolvimento de consciência crítica de existência, fomentando a percepção da própria história como documento importante para o conhecimento da história do mundo. Mediante a análise do termo “*Autobiogeografia*” de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2017), foi desenvolvido um material chamado “manual de autodocumentação” destinado a educadores interessados em abordar o tema no chão da escola. Este manual apresenta propostas de vivências práticas de registros audiovisuais que foram inspiradas na metodologia do Lentes Periféricas, coletivo de audiovisual formado em 2014 por jovens interessados em utilizar a linguagem como ferramenta de arte e crítica social. O coletivo propõe abordar diferentes temas acerca das periferias e de corpos periféricos, comuns às relações de seus próprios integrantes, assim como compreender a prática do cinema como uma das principais formas de aprendizagem e democratização da linguagem. Compreendeu-se como principais referências teóricas Rosalia Duarte (2002) e Adriana Fresquet (2013) para os estudos da relação do cinema com a escola; Bill Nichols (2005) nas especificidades da linguagem do documentário; Cezar Migliorin (2014) no compreender a prática do ensino do documentário e, Paulo Freire (1997) como fundamento dos processos de autonomia dos estudantes, supervalorizando a identidade e, potencializando-os como sujeitos críticos e pertencentes à sociedade ao investigar a sua própria história.

**Palavras-chave:** Documentário. Autobiografia. Cinema e Educação. Narrativas Pessoais.

## ABSTRACT

This work is aimed to build a pedagogical proposal looking forward to contributing to the democratization of the audiovisual language in schools through the teaching of documentaries, as well as promoting personal narratives throughout the authorial and biographical productions of the students. It was sought to understand autobiographical research as the development of a critical awareness of existence, fostering the perception of the personal own history as an important document for knowledge of world history. As of an analysis of the term “*Autobioografia*” by Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2017), a material named “self-documentation manual” was developed for educators interested in addressing the topic on schools. This manual presents proposals for practical experiences with audiovisual recordings that were inspired by the methodology of Lentes Periféricas, an audiovisual collective formed in 2014 by young people interested in using language as a tool for art and social criticism. The collective proposes to address different themes about peripheries, which are common within relationships of its own members, in order of understanding the practice of cinema as one of the main forms of language learning and democratization. The main theoretical references for this paper are Rosalia Duarte (2002) and Adriana Fresquet (2013) approaching the relationship between cinema and school; Bill Nichols (2005) on the specifics of documentary language; Cezar Migliorin (2014) in understanding the practice of teaching documentary, and Paulo Freire (1997), as the foundation of students' autonomy processes, overvaluing identity and empowering them as critical subjects and belonging to society when investigating their own history.

**Keywords:** Documentary. Autobiography. Cinema and Education. Personal Narratives.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b>	<b>7</b>
1.1 PODE O CINEMA NA ESCOLA?	9
<b>2. COMPREENDENDO A PESQUISA</b>	<b>13</b>
2.1 LENTES PERIFÉRICAS COMO FUNDAMENTO	14
2.2. A POTÊNCIA DA AUTOBIOGRAFIA	20
<b>3. CONSTRUINDO A PROPOSTA PEDAGÓGICA</b>	<b>23</b>
3.1 OFICINA DE AUDIOVISUAL NA EMEB BAXMANN	25
3.2 A INFLUÊNCIA DOS YOUTUBERS NO AUTOREGISTRO	26
3.3 NO DECORRER DAS OFICINAS	28
<b>4. PROJETO PEDAGÓGICO</b>	<b>32</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS</b>	<b>36</b>
<b>APÊNDICE - Manual de Autodocumentação</b>	<b>38</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo faz parte do projeto de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES organizado pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, no qual visa a criação de uma proposta pedagógica a fim de contribuir com a democratização da linguagem do audiovisual nas escolas através do ensino do documentário, além de fomentar as narrativas pessoais por meio de produções autorais e biográficas dos estudantes.

Foi através da produção do cinema documentário que eu me senti pesquisadora pela primeira vez, como também, no chão da escola, foi que constatei a amplitude dessa linguagem fílmica quando inserida no contexto de ensino aprendizagem.

Minha jornada como educadora de escola pública iniciou-se em 2013. Participante assídua de todas as oficinas e eventos relacionados a arte, fui convidada pela coordenação a ministrar aulas na mesma escola em que até então cursava meu último ano do ensino médio – na Escola Estadual Luiz Bianconi, localizada na cidade de Suzano - SP – por meio de um projeto do Governo Federal intitulado Mais Educação<sup>1</sup>. Em linhas gerais, o projeto tinha como objetivo promover, no contraturno de aulas de ambos envolvidos, educadores e educandos, o reforço escolar através da arte, e o foco era propiciar diálogos e vivências coletivas através da linguagem do cinema.

Assim, com base nesta proposta, semanalmente discutíamos o cinema por meio de rodas de conversa posteriormente a assistir uma produção fílmica que era escolhida de acordo com a disponibilidade dos DVD 's encontrados na Sala de Vídeo da escola, onde havia vários clássicos do cinema mundial e poucas produções brasileiras. Durante as rodas de conversa diversos temas eram evidenciados, pois as narrativas, ou seja, as histórias presentes nos filmes, conduziam trocas para que gerassem provocações e pesquisas sobre os novos temas. No decorrer dessas aulas mergulhamos sobre vários períodos da história do mundo, sobre a geografia do Brasil, conhecemos diversas personalidades através de documentários biográficos, descobrimos universos fantásticos que são inspirados em nosso mundo, etc. Com isso, houve também uma enorme troca e interesse

---

<sup>1</sup> Mais Educação é um programa desenvolvido desde 2008 pelo Ministério da Educação a fim de ampliar o contraturno escolar das redes municipais e estaduais oferecendo atividades diversas e com caráter optativo.

sobre a parte técnica do audiovisual, desde a concepção do roteiro, até pesquisas e curiosidades sobre as produções dos filmes assistidos. Foi assim que além de iniciar-me como educadora, também adentrei ao mundo do audiovisual.

Nas buscas por formações e vivências de audiovisual, encontrei o coletivo Lentes Periféricas em uma exibição na cidade de Suzano em São Paulo do seu primeiro filme chamado "*Cine Campinho - Da Terra à Tela*" (2014), de Angelo Silva, Escobar Franelas e Roberto Maty. O Lentes é um coletivo que utiliza produções audiovisuais como ferramenta de arte e crítica sociais. Após a exibição do filme, aconteceu uma roda de conversa e nela Lico Cardoso, integrante do grupo, contava sobre o processo da produção do filme, e mais do que isso, ele deu uma aula sobre o cinema periférico. Uma explosão de sentimentos aconteceu em mim. Fiquei eufórica com tantas possibilidades. O cinema era real. Eu nunca tinha ouvido falar sobre, mas aquilo parecia que de certa forma era algo possível para mim.

O papo rendeu e fui convidada para participar de uma gravação que aconteceria na semana seguinte. Contava as horas para o grande dia chegar. Até que finalmente chegou e ainda sinto o frio na barriga quando me lembro daquele momento. Eu nunca tinha visto alguém fazer cinema, nunca tinha visto pessoas adultas produzirem arte tão de perto. O cinema não era algo distante e de língua inglesa, pelo contrário, ele tinha o meu sotaque e falava sobre uma pessoa que eu conhecia. Cheguei e já me deram uma câmera na mão para fazer fotos e desde então o coletivo tem sido a minha casa. Já são mais de sete anos de histórias e filmes produzidos com o Lentes Periféricas.

De volta à escola, após quatro anos de história, o projeto de cinema realizado pelo Programa Mais Educação acabou por falta de verbas, contudo, estava no último semestre da minha licenciatura em Artes Visuais e por isso precisava iniciar um projeto de estágio. Em diálogo com os próprios estudantes do projeto anterior e do parceiro de coletivo Lico Cardoso, desenvolvemos oficinas sobre o ensino de documentário, tema esse que nos chamava atenção na época.

Mesmo com todas as limitações causadas pela falta de equipamentos adequados para as gravações, a pouca experiência em manusear uma câmera, nenhuma estrutura de exibição, pois só tínhamos um projetor disponível para a escola toda e quase sempre estava sendo utilizado por outras pessoas, impossibilitando o uso em nossas aulas, o resultado das oficinas foi extremamente satisfatório e ao final do curso, os educandos produziram dois curtas documentais sobre o contexto escolar.

Esses curtas foram exibidos no pátio para toda escola assistir, fizemos uma *Mostra de Cinema* que incluía até um tapete de TNT (tecido não tecido) vermelho para a apresentação de seus realizadores. A escola parou para esse grande evento, as pessoas estavam eufóricas. Essas produções audiovisuais foram muito bem recebidas por todos estudantes que assistiam e isso mexeu com a rotina escolar, já que durante as semanas seguintes era comum encontrar alguma pessoa – que não estava no projeto – filmando com seu próprio celular as narrativas escolares a fim de produzir o seu próprio documentário.

Essas vivências primárias dentro da educação pública, junto das práticas que carregou até hoje com o coletivo Lentes Periféricas, fomentaram e deram base para a educadora que sou hoje em dia. Desde 2019, estou como professora titular de Artes no ensino básico da rede municipal da cidade de Ferraz de Vasconcelos, localizada na região metropolitana de São Paulo e a partir desse contexto surgiu o interesse de relacionar o ensino do documentário, através da prática, com o contexto escolar nesta pesquisa.

### **1.1 PODE O CINEMA NA ESCOLA?**

Com o avanço das tecnologias e conseqüentemente do audiovisual, incentivos públicos para a utilização dessa linguagem no contexto escolar de forma efetiva foram desenvolvidos, como por exemplo, de acordo com o Art. 1o da Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014 (Brasil, 2014)<sup>2</sup>, tornou-se obrigatória a exibição por, no mínimo, 2 (duas) horas mensais de filmes de produção nacional nas escolas. Apesar da intenção ser boa, essa lei não funciona sem o mínimo de estrutura, seja por falta de questões técnicas, pois o acesso a equipamentos de exibição como televisores, projetores e até mesmo internet, não chegam igualmente para todas as escolas públicas – principalmente para as que ficam nas periferias das cidades –, um exemplo é a escola que leciono atualmente, conseguimos acesso à internet apenas no ano de 2022 e mesmo assim, quase nunca funciona perfeitamente pois o sinal da rede é fraco e ficamos dias sem acesso quando chove forte.

Outro ponto que impede uma relação mais consistente entre o espaço escolar e o audiovisual, é a falta de percepção do uso dessa linguagem como dispositivo

---

<sup>2</sup> Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm). Acesso em: 17 mai, 2022.

educativo, já que há uma estrutura maior que fomenta esse distanciamento, assim desenvolvendo uma carência de alfabetização audiovisual nas escolas.

Essa não-alfabetização dito acima está principalmente relacionada ao pouco contato com a linguagem fílmica e também ao costume de se utilizar o cinema na sala de aula de forma meramente receptiva, ou seja, estudantes apenas consomem filmes que são propostos por educadores e muitas dessas vezes chegam a eles como forma de lazer, não de estudo. Por isso, segundo a professora e pesquisadora de educação e mídia Rosália Duarte (2002, p. 71) “é preciso entender o cinema não apenas como uma ferramenta de suporte pedagógico, uma mera ilustração do processo de ensino, se faz necessário portanto, compreender o cinema como campo de estudo, que traz em seu bojo uma gramática própria.”

Esse uso ingênuo da linguagem feito por alguns educadores, pode não contribuir para uma formação e aproximação de estudantes para com o cinema, e principalmente com o documentário, dispositivo esse o qual apostamos nessa pesquisa como uma importante ferramenta de ensino aprendizagem, por isso ações afirmativas e questionadoras precisam ser inseridas nas salas de aulas, compreendendo as potências que essa linguagem desenvolve como uma possível ferramenta de construção pedagógica.

A maior parte de nós aprende a ver filmes pela experiência, ou seja, vendo (na telona ou na telinha) e conversando sobre eles com os outros espectadores. Mas isso não significa que devemos deixar o conhecimento da gramática cinematográfica para especialistas. Ao contrário, conhecer os sistemas significadores de que o cinema se utiliza para dar sentido às suas narrativas aprimora nossa competência para ver e nos permite usufruir melhor e mais prazerosamente a experiência com filmes. (DUARTE, 2002, p.38).

Essa consciência de criar uma relação potente entre o estudante e o cinema para além da forma passiva fica muito clara quando penso no meu contexto escolar. Estudante de escola pública, essa relação sempre foi algo platônico, namorava a sala de vídeo e achava o máximo encontrar algum filme sobre o tema que estava estudando, principalmente da disciplina de História. Apesar disso, foram poucas as vezes que conseguimos de fato utilizar aquela sala, não sei bem o porquê, mas aparentemente ela estava sempre trancada. Exceto pela professora de História, as outras vezes que assistimos algo, foi como forma de prenda em alguma gincana ou

para arrecadar dinheiro para escola através da venda de ingressos e pipocas na cantina.

O famoso “Festival de Cinema” organizado uma vez por ano no pátio da escola, com exibições de filmes mais recentes, era o evento mais querido depois da Festa Junina. Esses dias eram os mais aguardados pela turma e nem sempre era somente por conta dos filmes, o encontro de estudantes de todas as séries e o fato da aula acontecer fora da sala era uma grande catarse. A liberdade e a euforia de um dia incomum trazia a sensação de um passeio para um lugar distante, transformava totalmente o ambiente escolar.

Não estou afirmando que essas exibições na escola não propiciava uma relação do estudante com o cinema, pelo contrário, ter acesso a algo novo dentro do espaço escolar faz com que estudantes criem experimentações individuais, por exemplo, foi em uma dessas exibições que assisti um filme do Percy Jackson pela primeira vez, criado por Rick Riordan (1964 - ), o personagem desbrava histórias da mitologia greco romana. Eu fiquei completamente encantada com esse universo e após isso, fui ler todos os livros da saga escrita pelo autor e também vivia na biblioteca da escola à procura de livros que abordassem a mitologia grega e histórias semelhantes. O fato é que ao decodificar a gramática do cinema, a escola amplia a relação dos estudantes com o filme e aumenta as experiências com a linguagem possibilitando novas formas de aprender e compreender o mundo (DUARTE, 2002).

Ações para que haja o fomento da criticidade e a ampliação de repertório cultural dentro do espaço escolar existem e precisam ser reconhecidas para cada vez mais ganhar espaços dentro da comunidade escolar, por exemplo, o Programa Cultura é Currículo<sup>3</sup>. Ele foi desenvolvido pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o qual visava democratizar, fortalecer, desenvolver e estimular a educação através de projetos culturais, como por exemplo, *O Cinema vai à Escola*. Esse projeto subsidiava materiais, equipamentos e acervos didáticos sobre o cinema em escolas estaduais do Ensino Médio. Na prática, esse projeto proporcionava acesso a diversas produções cinematográficas a escolas, acompanhada de materiais de apoio

---

<sup>3</sup> Para conhecer o Programa e suas especificidades, recomenda-se entrar no site oficial no qual reúne informações sobre os três principais projetos de sua realização, sendo eles: Lugares de Aprender: a Escola Sai da Escola, Escola em Cena e O Cinema Vai à Escola. Disponível em: <https://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/programa.aspx>. Acesso em: 31 jan, 2023.

à prática pedagógica para professores da rede pública que auxiliam a mediação de filmes de vários gêneros dentro do contexto da sala de aula.

O projeto findou-se em 2014, porém esses materiais continuam em algumas escolas do Estado como acervo das bibliotecas e salas de vídeo, um exemplo é a escola que fiz o Ensino Médio, em uma recente visita, verifiquei na biblioteca e as dezenas de DVD's ainda estavam lá, no mesmo lugar que ficava a mais de uma década atrás. Outras escolas, como a que leciono atualmente, arquivaram os DVD's por não ter mais uso e equipamentos para reproduzir essas mídias. Afinal, o projeto parou de acontecer há quase dez anos e as tecnologias e produções avançaram. Apesar dessas condições, o site do *O Cinema vai à Escola*<sup>4</sup> reúne um acervo admirável de cadernos destinados a professores que desejam trabalhar a linguagem cinematográfica na escola, com diversos roteiros de mediação de filmes para aula, além de quatro cadernos com textos e pesquisas sobre o cinema e educação, vale a pena o acesso.

Por tanto, nesta pesquisa, além do desejo de fortalecer as narrativas periféricas através do audiovisual, já que assim como eu, os alunos e alunas da escola EMEB Baxmann – na qual leciono e onde essa pesquisa é desenvolvida – são moradores de periferias, há a curiosidade de saber como essa linguagem artística, ou seja, o documentário, pode contribuir para um maior envolvimento dos estudantes no contexto escolar. Será que o uso do documentário, através da prática, pode ser um dispositivo de ensino a ser considerado? Quais são as potencialidades da produção do cinema documental dentro da escola, principalmente quando fomentamos uma pesquisa autobiográfica? Essa aproximação através da vivência contribui para uma maior democratização da linguagem?

---

<sup>4</sup> O site do projeto *O Cinema vai à Escola* reúne um acervo de quatro cadernos de apoio pedagógico aos professores, além de inúmeros roteiros de mediação de filmes em sala de aula. Disponível em: <https://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/Cinema/Cinema.aspx?menu=14&projeto=3>. Acesso em: 31 jan, 2023.

## 2. COMPREENDENDO A PESQUISA

O cinema documentário certamente é um dos protagonistas desta pesquisa. Ele por si só é repleto de questões que são expressamente necessárias serem estudadas individualmente (como veremos mais adiante no material didático). Porém, neste artigo faremos uma conexão que irá permear toda a pesquisa até o desenvolvimento do material: a utilização do documentário para uma investigação autobiográfica dentro das escolas.

Para isso foi desenvolvido uma **proposta pedagógica** a qual conta com informações e dicas sobre o **autodocumentário**, além de propostas de registros documentais que ao final do material poderão ser utilizados pelos estudantes para a criação do seu próprio documentário em curta-metragem. A proposta está direcionada a educadores e estudantes que tenham o interesse de trabalhar o tema no chão da escola.

Autodocumentário ou autodocumentação, são termos utilizados para designar o ato de registrar-se através do audiovisual, nesse caso, produzindo um documentário, na qual a história que está sendo contada é de quem está produzindo o filme. Inspirada pelo termo “Autobiogeografia”<sup>5</sup> de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, com a intenção de usar o documentário como dispositivo de pesquisa biográfica e emancipatória de narrativas – principalmente as periféricas – a proposta pedagógica desta pesquisa, é principalmente um convite para que estudantes afirmem suas próprias histórias – as histórias reais de vida (ADICHIE, 2009), além de aproximá-los da linguagem do audiovisual, precisamente do documentário.

A fundamentação teórica desta proposta pedagógica está pautada em nomes como: Bill Nichols (2005); Cezar Migliorin (2014); Rosália Duarte (2002); Adriana Fresquet (2013) e como dito, Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues (2017) e também nos processos desenvolvidos pelo coletivo Lentes Periféricas, no qual abordaremos com mais detalhes a seguir.

Na investigação do que se entende por cinema documentário, utilizamos principalmente o pensamento de Bill Nichols (2005). Em seu livro *“Introdução ao documentário”*, ele nos dá um panorama histórico sobre o que é essa linguagem e

---

<sup>5</sup> De acordo com Manoela, “O que proponho em minha pesquisa é utilizar a autobiogeografia como metodologia de criação de lugares de enunciação por meio de práticas individuais e/ou coletivas que abram caminhos para o “vir a ser” decolonial, ou seja, que despertem nas sujeitas e sujeitos desejos de re-aprender a ser.” (RODRIGUES, 2017, 3155).

quais são os filmes considerados importantes no gênero documental, mesmo que sob um viés americano, nos facilita a compreensão das nuances desse gênero.

Cezar Migliorin fundamentou a parte prática da pesquisa, ou seja, as propostas e ações com estudantes. Coordenador do projeto nacional de cinema, educação e direitos humanos chamado “*Inventar com a Diferença*”, teve três publicações que nos auxiliaram: *Inventar com a diferença: cinema e direitos humanos* (2014), *Ensaio no real - o documentário brasileiro hoje* (2010) e *Cinema de Brincar* (2019). Nesses livros, principalmente no que escreveu em 2014, ele documenta de forma didática os processos vividos em oficinas de cinema durante a realização de projetos e quais foram suas repercussões durante e após a realização. Além de uma ampla pesquisa teórica e prática sobre o assunto.

Rosalia Duarte (2002) e Adriana Fresquet (2013) são as principais referências quando o assunto é a relação do cinema com a escola, ambas trazem uma bagagem de pesquisa e exemplos de como essa ligação foi feita ao longo dos anos, especialmente na educação brasileira e quais são as possibilidades desses encontros no contexto escolar.

## **2.1 LENTES PERIFÉRICAS COMO FUNDAMENTO**

Lentes Periféricas é um coletivo de audiovisual formado em 2014 por jovens interessados em utilizar a linguagem como ferramenta de arte e crítica social, no qual faço parte desde 2016. O coletivo propõe abordar diferentes temas acerca das periferias e de corpos periféricos, comuns às relações de seus próprios integrantes. Além de contribuir com a produção cultural independente no Estado de São Paulo.

Ao todo nós temos mais de quinze produções filmicas, porém dirigi com Lico Cardoso o curta experimental chamado “Enveredo” (2018), selecionado no 30º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo. Junto de Roberto Maty, dirigimos o longa “Que Os Olhos Ruins Não Te Enxerguem” (2019) vencedor do prêmio de melhor longa-metragem pelo Júri Oficial e pela Crítica do 13º Festival Rainbow em Fortaleza, além de selecionado no 27º Festival Mix Brasil de Cultura da Diversidade, no 21º Festival do Rio e no 5º Festival Internacional de Cinema da Diversidade Sexual e de Gênero de Goiás (DIGO). Além disso, dirigi e produzi o curta “Recebo Visitas Todos os Dias” (2020) na qual faz parte da série documental chamada “40m²” (2020) produzida e disponível no streaming da Globoplay.

Figura 1 - Coletivo Lentes Periféricas no lançamento do filme “Que os Olhos Ruins não Te Enxerguem” no Festival do Rio (Rio de Janeiro, 2019).



Coletivo Lentes Periféricas representado por: Allan Cunha, Gabriel Matos, Juno Araújo, Thabata Vecchio, Deh Coutinho, Cibele Appes e Lico Cardoso. Fonte: acervo pessoal.

O coletivo surge e se afirma com esse nome, a partir do desejo comum de documentar a história de uma outra ação cultural independente no bairro de Guaianases, localizado na zona leste de São Paulo: o Cine Campinho. Na época, em 2014, essa iniciativa comemorava 7 anos de luta e presença no território, onde articula até hoje exposições de filmes autorais e comerciais, cine-debates e outras ações culturais. Esse evento acontece mensalmente, desde 2007, em um campinho de futebol no Jd. Bandeirantes.

Pensando nisso, ainda em 2014, o Lentes foi contemplado pelo edital<sup>6</sup> do Programa VAI (Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais), lei de fomento público realizado pela Secretaria de Cultura de São Paulo, com a proposta de

<sup>6</sup> Os editais públicos voltados a ações culturais são porta de acesso para a criação e fortalecimento de coletivos culturais periféricos, por isso é importante a criação de políticas públicas voltadas ao financiamento de equipamentos e manutenção de trabalhos já existentes, mas também, principalmente de formação e condição digna para a realização dos trabalhos.

produção do longa-metragem *“Doc. Cine Campinho - Da Terra à Tela”* (2014), de Angelo Silva, Escobar Franelas e Roberto Maty, documentário que aborda as questões de acesso à cultura e ao lazer na periferia de São Paulo. A obra foi exibida na 3ª Conferência Nacional da Juventude, em Brasília. Com isso, o coletivo ampliou sua atuação no cenário independente e periférico desenvolvendo oficinas de formação audiovisual para jovens e adultos, além de consolidar suas produções de relevância social e artística.

Figura 2 - Douglas Barros e Thabata Vecchio durante as gravações do filme *“Que Os Olhos Ruins Não Te Enxerguem”*. São Paulo, 2018.



Fonte: acervo pessoal.

Desde então, já são quase dez anos de coletivo e diversas produções cinematográficas que acompanham essa trajetória, por exemplo o curta-metragem *Cartas Filmadas* (2015), de Lico Cardoso, vencedor do I Concurso Emergência Visual: Território, e exibido na 1ª Conferência Internacional Last Focus, em Paris. Esse filme é uma espécie de cartas trocadas entre jovens da periferia de São Paulo com jovens da periferia de Paris e também foi produzido pelo coletivo.

Figura 3 - Escobar Franelas e Thabata Vecchio durante as gravações do filme “Match ou Delete”.. São Paulo, 2016.



A primeira vez que estive em uma ação do coletivo Lentes Periféricas. Fonte: acervo pessoal.

Em 2019, produzimos o longa-metragem “Que Os Olhos Ruins Não Te Enxerguem” de Thabata Vecchio e Roberto Maty, que tem como pano de fundo o espaço urbano para discutir raça e classe a partir da vivência de pessoas LGBTQIA+ periféricas da cidade de São Paulo. Esse documentário foi ganhador do Troféu Elke Maravilha de Melhor Longa Brasileiro do Júri Oficial e Crítica do 13º Festival For Rainbow.

Hoje o coletivo é formado por Débora Coutinho, Edilene Moreira, Escobar Franelas, Gabriel Matos, Juno Araújo, Lico Cardoso, Roberto Maty e Thabata Vecchio, moradores de diferente região de São Paulo, como Itaquera, Guaianases, Jardim Brasil, Itaim Paulista, Vila Tolstoi e Artur Alvim. E por nossa sintonia e conquistas nesses últimos anos, apesar de todas as barreiras que um coletivo independente precisa superar, acreditamos que podemos evoluir e sempre agregar mais pessoas e conhecimento em nossa caminhada.

Por isso, além de nossas produções coletivas, nós do, Lentes Periféricas, desenvolvemos formações sobre o nosso trabalho e também sobre o audiovisual, como por exemplo o curso chamado “*Lentes em Campo*” que são aulas elaboradas

com o intuito de democratizar a linguagem do audiovisual e principalmente ampliar as formas de se contar as narrativas periféricas. Geralmente, nossos encontros são divididos em 10 aulas, passando pela formação básica do que é o audiovisual através de trechos de produções cinematográficas – principalmente as periféricas –, a pré-produção de um curta (desenvolvimento de roteiro), a sua execução, ou seja, tudo que envolve a gravação e o set, e a finalização (edição) de um produto audiovisual realizado pelos participantes do curso. Esse curso já foi realizado em espaços como o SESC, casas de culturas, escolas, espaços de formações de cinema, etc.

Sob minha orientação, essas oficinas caminham para produções documentais, no qual os participantes são instigados a desenvolver pesquisas sobre suas próprias vidas. Em uma de suas edições, no final do ano de 2019, realizamos uma grande oficina na Ocupação Mauá, localizada no bairro do Bom Retiro/Santa Ifigênia, no município de São Paulo. Nessas oficinas foram produzidos quatro documentários pelos jovens moradores da Ocupação, abordando questões sobre as suas vidas e o cotidiano do espaço de convivência de suas moradias, a fim de retratar e enaltecer as narrativas presentes. Ao final fizemos uma grande exibição para todos no pátio da Ocupação e a emoção de ver as histórias comuns na tela tornou muito mais grandioso esse trabalho. Esses documentários foram anexados aos documentos de tentativa de regularização de moradia que até hoje correm em processo.

Figura 4 - Projeto Lentes em Campos realizado na Ocupação Mauá. São Paulo, 2017.



Fonte: acervo pessoal.

O grupo se conheceu em encontros casuais de lugares comuns para quem interage com o universo audiovisual na cidade de São Paulo, como por exemplo nas Oficinas *Kinoforum*<sup>7</sup> e apesar de frequentar esses espaços formativos tradicionais, o Lentes Periféricas defende a ideia de que o processo de formação e democratização do audiovisual está na prática das produções ou como dizem: colocando a mão na massa. Guiados pela frase icônica de Glauber Rocha (1939-1981), importante cineasta brasileiro e precursor do Cinema Novo, “*Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça*”, os processos de criação do Lentes estão voltados a prática do presente, ou seja, a preocupação maior está no desenvolvimento da narrativa a ser contada e não na reprodução técnica da linguagem.

É possível traçar um paralelo entre o cinema periférico e o Cinema Novo (1960-1972), movimento que buscava evidenciar narrativas do cotidiano brasileiro, trazendo novas perspectivas sobre a desigualdade social e questões contemporâneas de seu tempo que influenciavam diretamente os corpos que nem sempre eram retratados no cinema. Ao contextualizar questões brasileiras e questionar o intelectualismo da época, o Cinema Novo preocupava-se em contar as suas narrativas e não prender-se a uma estética cinematográfica, dando início a uma estética própria em suas imagens (ROCHA, 1981).

Essa não preocupação, ou melhor, o não interesse intencional do Cinema Novo, com a reprodução técnica comum das telas, é semelhante ao pensar do cinema periférico, pois está relacionado ao questionamento e ao afrontamento a uma estrutura preconceituosa que o cinema reflete há anos ao não legitimar produções que não se enquadram na estrutura visual reproduzida no decorrer do tempo. Veja que não estou dizendo que é algo ligado ao não acesso a equipamentos de alta qualidade, pois isso, hoje em dia, é resolvido até com celulares de tecnologias recentes. O que acontece com o cinema periférico é que ele é sempre colocado em um lugar do amadorismo, principalmente nos espaços elitistas, no qual as suas conquistas acontecem por conta da narrativa, não pela técnica realizada. Um exemplo disso, o filme “*Que os Olhos Ruins Não te Enxerguem*” (2019) produzido

---

<sup>7</sup> A Associação Cultural Kinoforum é reconhecida por oferecer, desde 2001, oficinas sobre os processos de produção audiovisuais, tais como direção, produção, funções técnicas, roteiros etc. O público alvo são jovens periféricos de 18 a 25 anos interessados nos processos de formações e que tenham (ou não) alguma experiência em produções cinematográficas. A associação também é responsável pelo Festival Internacional de Curtas-Metragens de São Paulo, evento importante para o cenário audiovisual do país, pois anualmente exhibe um enorme panorama de produções cinematográficas brasileiras e de fora do país.

pelo Lentes Periféricas, circulou por diversos festivais de cinema no país e levou os dois maiores prêmios de um tradicional festival no Estado do Ceará, Melhor filme pelo Júri Oficial e pela Crítica Especializada, foi indicado como o melhor filme em vários outros festivais, porém ele nunca recebeu uma indicação a premiação por questões técnicas, pelo contrário, sempre ouvíamos comentários que “a câmera em movimento ou a quantidade de informação” prejudicava a imagem do filme tornando-o uma produção “diferente”, quase amadora.

Um dos processos de quebra desta corrente do cinema que deslegitima as produções que não se encaixam nas expectativas do aqui chamado de cinema elitista, é, com certeza, a democratização do fazer e do pensar o cinema, principalmente o cinema periférico. Logo, a potência de se criar relações com a linguagem para além da recepção, fortalece os estímulos para as produções dos nossos próprios filmes e com isso haverá maior protagonização das nossas próprias histórias, nos enxergaremos nas telas, nas narrativas e nas perspectivas que o cinema proporciona. Porém para que essas possibilidades existam, é preciso que o acesso a essa linguagem seja inserido com consideração e acesso maior para todas as pessoas, como por exemplo no contexto escolar, através do contato nas aulas com maior assiduidade e também na decodificação das gramáticas (DUARTE, 2002) para que haja propostas de produção enquanto ferramenta de ensino e aprendizagem, só assim haverá uma apropriação e conseqüentemente uma democratização do conhecimento do cinema como ferramenta de arte, comunicação e transformação.

## 2.2. A POTÊNCIA DA AUTOBIOGRAFIA

Depois de conhecer o termo “Autobiogeografia” de Manoela, muitas coisas fizeram sentido para mim, inclusive a existência do coletivo Lentes Periféricas. Desde o início, as produções do grupo aconteceram a partir de investigações biográficas, nossos encontros giram, até hoje, em torno de narrativas que perpassam nossos corpos, o que vemos e sentimos. É a compreensão da territorialidade como base de identidade que nos deixa sempre com necessidade de contar a história dos nossos. Não à toa a frase que marca o início de qualquer produção do coletivo é: “Como seria o documentário sobre a sua vida?”

Investigar a própria existência sempre me interessou. Guardo a sete chaves os cadernos que fazia quando tinha 8 anos, recém alfabetizada, descrevia a minha rotina e criava livros com histórias que me aconteciam na época. Os cadernos de desenho viravam álbuns de fotografia com legendas, que apesar dos erros ortográficos e da grafia quase incompreensível, guardam histórias hilárias da minha infância. Hoje vejo que era mais que um diário, existia um anseio em documentar a própria história, talvez por medo de esquecer ou pelo simples prazer de reler várias vezes para viver aqueles momentos de novo e de novo.

Manoela ressalta que, “o conceito de autobiogeografia tem auxiliado a criar autopoicionamentos críticos e relacionais que adquirem formas diversas em minhas práticas artística, docente e de pesquisa, as quais são articuladas individual e/ou coletivamente. Tais autopoicionamentos formam uma narrativa fragmentada, contínua, inacabada e trans-bordante sobre os meus próprios movimentos e desligamentos em direção ao “vir a ser” decolonial” (RODRIGUES, 2017, 3157).

O termo “decolonial” utilizado por Manoela provém de um pensamento que problematiza a estrutura imposta através das condições coloniais construídas ao longo do tempo em nossa sociedade, visando a emancipação absoluta de todos os tipos de opressão e dominação, assim privilegiando os pensamentos e culturas locais sem grandes influências de outros (REIS e ANDRADE, 2018, p. 3)<sup>8</sup>.

Compreender a autobiografia é evidenciar as narrativas pessoais e, principalmente, fomentar as investigações do “próprio eu”. Essa ação costuma servir

---

<sup>8</sup> Recomendo a leitura do artigo “O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas” de Maurício De Novais Reis e Marcilea Freitas Ferraz De Andrade, publicado na Revista Espaço Acadêmico em março de 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070/21945>. Acesso em: 01 out. 2022.

para questionar o campo em que cada ser ocupa no mundo e quais são as suas bases de construção, isto é, estamos falando sobre autoestima, não aquela ligada à beleza física, mas ao ato de perceber-se como ser criador, individual e pertencente ao mundo. Podemos classificar essa prática como autônoma e libertária, ou seja, uma prática decolonial.

Ao fazer uma pesquisa autobiográfica, o indivíduo deixa de ser um ser singular para compreender-se plural. Nesta investigação, precisa perceber o seu tempo e espaço, observar quem são as pessoas que estão à sua volta, quais são os seus costumes, quais são os códigos que a sua comunidade possui, quais são as culturas que juntas formam a sua compreensão de vida e do seu próprio ser. Esse movimento tende a ser uma pesquisa profunda de sua história, de reflexões e de busca por lacunas que a história geral deixou de contar (ADICHIE, 2009).

Quando uma pessoa investiga sua própria história, seja sobre o passado ou sobre o presente, ela entrega narrativas para o futuro, pois sua documentação relata compreensões de um período único, que sob sua ótica, revela traços de momentos históricos que sob um viés genérico e de interesses, seria totalmente apagado. Carolina Maria de Jesus (1914 -1977), escritora, poetisa e compositora é um grande exemplo disso, em um dos seus grandiosos trabalhos, *Quarto de despejo: Diário de uma favelada* (1960), através de uma autobiografia, ela nos deixa documentado a vida de uma mulher preta e periférica moradora da cidade de São Paulo na década de 50, além de registrar todo contexto político e social da época.

23 DE JULHO. Liguei o radio para ouvir o drama<sup>9</sup>. Fiz o almoço e deitei. Dormi uma hora e meia. Nem ouvi o final da peça. Mas, eu já conhecia a peça. Comecei fazer o meu diario. De vez em quando parava para repreender os meus filhos. Bateram na porta. Mandei o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diario.

– Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.

Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. O Seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu tinha só dois meninos.

Ninguém tem me aborrecido. Graças a Deus. (JESUS, 1960, p.23).

---

<sup>9</sup> Referência às radionovelas, dramas radiofônicos de grande popularidade no Brasil no período do pós-guerra até meados da década de 50.

Sabendo a importância da escola na formação de uma pessoa, pensar práticas para além de um conteúdo pragmático é uma revolução. Sendo a escola um espaço de formação crítica, pensar nas individualidades dos estudantes é educar para o coletivo. De acordo com o educador Paulo Freire (1997, p. 42),

[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.

Na prática, essa ideia pode parecer utópica, já que a realidade do chão de escola e conseqüentemente do educador, não é a das mais desejadas. A grande quantidade de alunos por sala e o pouco tempo disponível de aula<sup>10</sup>, contribuem para que a automatização e a repetição de ciclos aconteçam. Por isso, pensar novas práticas no espaço escolar que diminuam essas questões, como por exemplo a inserção de tecnologias que aproximem os estudantes de suas contemporaneidades e interesses, devem fazer parte da rotina da comunidade escolar. A inserção das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) no contexto escolar contribui para novas experiências culturais, além de ampliar o ecossistema comunicativo que nos dá caminhos para Educomunicação<sup>11</sup> (MARTÍN-BARBERO, 2000, p.54).

Por tanto, ao convidar neste projeto de pesquisa, estudantes para que reflitam sobre as suas próprias existências e conseqüentemente produzam um autodocumentário, é uma forma de contribuir para uma educação libertadora<sup>12</sup>, na qual Paulo Freire (1921-1997) de forma singular construiu e defendeu ao longo de sua vida e que desde o início serviu como base para a construção da proposta pedagógica desta pesquisa.

---

<sup>10</sup> Nas escolas da rede de ensino do Estado de São Paulo, o tempo médio de aulas é de 45 a 50 minutos e acontecem duas vezes por semana em cada turma.

<sup>11</sup> A educomunicação é uma forma de pensar a educação através das tecnologias de comunicação, tais como as mídias na internet, audiovisual, rádio, TV etc. Para compreender melhor o assunto, recomenda-se ler o artigo "Gestão comunicativa e educação: caminhos da educomunicação" de Ismar de Oliveira Soares, pesquisador da Educomunicação e um dos fundadores do curso de Licenciatura em Educomunicação na Universidade de São Paulo. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/37012/39734>. Acesso em: 17 dez. 2022.

<sup>12</sup> A Educação Libertadora é uma pedagogia desenvolvida por Paulo Freire, a qual promove a autonomia do educando, supervalorizando a sua identidade e potencializando-o como sujeito crítico e pertencente à sociedade.

### 3. CONSTRUINDO A PROPOSTA PEDAGÓGICA

No ano de 2020, a educação precisou ser repensada drasticamente e de forma imediata por conta da pandemia de COVID19<sup>13</sup>, impulsionando o ensino remoto como solução mais viável para tamanha demanda escolar, assim dispositivos audiovisuais tornaram-se fortes aliados para a construção de um ensino mais completo. Mesmo com a notável desigualdade de acesso à tecnologias por estudantes de baixa renda, principalmente os de escolas públicas, o uso de plataformas digitais durante as aulas trouxeram possibilidades aos educandos de continuar os estudos durante o período, e também, conseqüentemente a isso, houve uma aproximação da linguagem do audiovisual, já que pela comodidade, era bastante utilizados nas aulas para facilitar a comunicação da matéria para o estudante. Por isso, enquanto educadora, mais do que nunca precisei incorporar esta prática no planejamento das aulas e com isso estudar as suas possibilidades com veemência.

Durante o contexto das aulas remotas, propus aos estudantes do sétimo ano do Ensino Fundamental II da EMEB Professora Primorosa Jorge do Nascimento, localizada na cidade de Ferraz de Vasconcelos em São Paulo, uma apresentação em vídeo. Além da apresentação, eles precisavam fazer uma reflexão – em até cinco minutos – sobre a nova rotina de suas casas e como o distanciamento social influenciava na vida deles.

De início deu para notar a facilidade que eles possuíam em trabalhar com o audiovisual, pois além de consumirem diariamente televisão, séries e filmes, também consomem vários vídeos com narrativas pessoais na internet, como por exemplo vídeo de *Youtubers* – veremos mais à adiante as observações de como essa linguagem influencia na prática do audiovisual dos estudantes. O uso de ferramentas de edições simplificadas são disponibilizadas com fácil acesso em aplicativos de redes sociais, como por exemplo *Instagram*, *Tik Tok* e até mesmo o *YouTube*, que além de oferecer uma plataforma de edição, oferece trilhas sonoras abertas, ou seja, trilhas que são livres para o uso sem a necessidade de pagamento dos direitos

---

<sup>13</sup> O coronavírus (COVID-19) é uma doença infecciosa causada pelo vírus SARS-CoV-2. Em 11 de março de 2020, a OMS declarou que o vírus causou uma pandemia (disseminação mundial) da doença e por isso medidas foram tomadas para haver um distanciamento social a fim de evitar maiores contágios, com isso as escolas fecharam, priorizando totalmente o ensino remoto.

autorais. Muitos deles utilizam essas plataformas de edição para produzir conteúdo para suas páginas pessoais que utilizam o vídeo como principal linguagem.

Os vídeos feitos pelos estudantes foram editados principalmente nessas redes sociais e notava-se fortemente que a linha narrativa se assemelhava bastante com as encontradas em vídeos de apresentação da internet (variedade de cortes, narrativa mais rápida e presença de *memes*<sup>14</sup>). Devido às facilidades e as possibilidades que a linguagem garante, pois por exemplo, estudantes que eram mais tímidos, montaram vídeos sem aparecer o rosto, utilizando só a voz ou textos, a participação foi bastante satisfatória, atingindo inclusive pessoas que até então não haviam entregue nenhuma outra atividade.

### **3.1 OFICINA DE AUDIOVISUAL NA EMEB BAXMANN**

De volta ao ensino presencial, somada aos interesses desta pesquisa e a construção do projeto pedagógico, realizamos oficinas de audiovisual na EMEB Baxmann no ano de 2022. No contraturno escolar, estudantes do ensino fundamental II foram convidados a participar de forma espontânea de encontros realizados uma vez por semana, a fim de vivenciar através da prática o ensino do cinema documentário.

As oficinas tiveram início no mês de maio e finalizaram em agosto (contra a vontade dos estudantes que se pudesse continuariam as atividades, porém por conta do calendário escolar não foi possível). Logo de início tivemos dois problemas, o primeiro já era esperado. A falta de espaço para a oficina e equipamentos para desenvolver as propostas. A escola na qual a atividade aconteceu é conhecida como a maior da rede municipal de Ferraz de Vasconcelos, são mais de 15 salas de aula ativas e apenas um espaço em comum: a biblioteca. Porém, é também o único espaço disponível para a escola guardar os materiais recebidos pela Secretaria Municipal de Educação, ou seja, quase sempre está indisponível pois está cheia de caixas (dessa vez eram caixas com uniformes que deveriam ser entregues no começo do ano), e por essa razão todo o nosso percurso da oficina foi realizado no pátio da escola, sem acesso a computadores e projetor.

---

<sup>14</sup> Os memes são formas de comunicação rápida usadas na Internet. Geralmente utilizam imagens, vídeos, GIFs e/ou relacionados ao humor, que se espalham e viralizam na Internet causando repetições de seu uso.

Essa falta de acesso a equipamentos foi um tanto desestimulante, porque o trabalho estava ganhando cada vez mais consistência, os estudantes estavam envolvidos e produzindo bastante, porém sempre existia uma lamentação de todos por conta das condições. Um dos exemplos é que durante todos os nossos encontros, nenhum vídeo foi assistido coletivamente em uma televisão ou projeção, tudo foi feito e assistido pelo celular, uma tela pequena assistida por 15 pessoas. Tínhamos o auxílio de uma caixa de som que eu levava de casa, e adianto que isso fez com que todos e todas participantes prestassem muita atenção nos áudios de suas produções. Nessa minha carreira dentro do cinema percebo que o áudio as vezes fica de lado na criação, só pensam no vídeo e esquecem que o audiovisual não possui esse nome atoa. Ao menos, isso não foi o caso das nossas oficinas.

Felizmente isso tudo não desmotivou a participação de todos, pelo contrário, virou uma espécie de desafio, na qual toda semana eles procuravam melhorar as suas produções e reconheciam a importância do celular como ferramenta de criação. Pensar o celular como um dispositivo considerável para essas produções audiovisuais me agrada, pois quando pensamos na facilidade desse equipamento, pensamos também na democratização da sua produção. Os alunos e as alunas participantes destas oficinas já tinham o costume de mexer diariamente no celular, principalmente para utilizar as redes sociais, entretanto não tinham a prática de produzir audiovisual com ele, por isso intensificamos e investigamos o seu uso.

O segundo grande problema enfrentado durante as oficinas, confesso que não esperava, foi perceber a dificuldade que estudantes tinham em diferenciar a criação de um documentário para um vídeo de estética e padrão direcionado ao *YouTube*, a lógica de produção deles era a mesma que a dos *Youtubers*.

### **3.2 A INFLUÊNCIA DOS YOUTUBERS NO AUTOREGISTRO**

Os *Youtubers* são criadores de conteúdo audiovisual para a plataforma digital chamada YouTube. Essas pessoas tendem a se comunicar com uma enorme quantidade de pessoas e exercem um grande poder de influência, informação e entretenimento para a sociedade atual. Os números são impressionantes, o brasileiro Felipe Neto conquistou em 2022 o quinto lugar no ranking de maiores

canais do *Youtube* do mundo com 44 milhões de pessoas inscritas.<sup>15</sup> Com o aumento no acesso a tecnologias digitais, as visualizações e uso dessa plataforma crescem cada vez mais.

Em 2021, o site O Globo fez uma matéria sobre a grande influência que os canais de *Youtubers* brasileiros exercem nos jovens e crianças de Portugal. Grandes espectadores das produções brasileiras, as palavras da nossa língua portuguesa são inseridas normalmente nos cotidianos deles e a reprodução do nosso sotaque brasileiro está cada vez mais frequente.<sup>16</sup> De acordo com Pedro Costa, pesquisador sobre a Cibercultura, Tecnologia e Estudos sobre redes sociais digitais, os youtubers constroem e alimentam estereótipos com seus vídeos, sublinham estratégias e narrativas comerciais e alimentam públicos (COSTA, 2020).

A influência não está somente nas estratégias comerciais, na reprodução da língua ou nos desejos impostos por eles, mas também no entendimento do que é a autodocumentação pelo audiovisual. Isto é, durante as oficinas realizadas nas escolas, nos centros culturais ou até mesmo nas relações pessoais, percebemos que a forma de registro ou auto registro é completamente influenciada pela dinâmica dos *Youtubers*.

Em um dos encontros das oficinas na escola, foi proposto aos estudantes que gravassem um vídeo sobre o seu dia, o objetivo era registrar de forma documental os processos vividos no espaço escolar. Natalia (14) pegou a câmera primeiro, deu play e falou: “Oi galera, no vídeo de hoje nós vamos conhecer a minha rotina...” Questão de minutos e a maioria dos jovens estavam fazendo a mesma coisa em seus vídeos, a mesma fala, seguindo o roteiro que é sempre apresentado pelos *Youtubers*. Ao final todos ficaram frustrados, pois os vídeos feitos pelo grupo de 11 estudantes ficaram semelhantes, inclusive os planos e quadro, todos seguiram o mesmo roteiro. Depois que exibimos todos os vídeos, a reação dos estudantes era de surpresa e indignação por reproduzirem essa estrutura sem se dar conta, quase inconsciente.

---

<sup>15</sup> Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/noticia/2022/04/felipe-neto-entra-para-o-ranking-dos-cinco-maiores-youtubers-do-mundo-saiba-quem-sao-os-outros.ghtml>. Acesso em: 12 dez. 2022.

<sup>16</sup> Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/youtubers-brasileiros-mudam-jeito-de-falar-das-criancas-portuguesas-1-24995679l>. Acesso em: 12 dez. 2022.

Quando gravamos com um padrão já estabelecido, nesse caso com os mesmos trejeitos e roteiro de Youtubers, os vídeos tendem a ficar estereotipados, a maior preocupação é em reproduzir um vídeo que seja semelhante ao que já foi assistido. O que estou querendo dizer é que há um perigo de não registrarmos mais as memórias, e sim, criar situações de reprodução estética ou de narrativa. Principalmente nesse caso da audocumentação, na qual o interesse é registrar o nosso ponto de vista sobre a nossa história. Basta pegar um vídeo de aniversário ou de Natal dos anos 80/90 e perceber a bagunça que estava no ambiente, nas mesas, nas roupas, nos cabelos e até nos diálogos. Isso foi substituído, hoje em dia, por imagens que buscam o melhor ângulo das pessoas, onde a bagunça, ou seja, o registro de vida, não apareça. Os vídeos já são produzidos para as redes sociais.

A questão é que a reprodução desses vídeos como de youtubers são reproduções de narrativas ideais e de desejos de consumo de ideias. Quando vejo os vídeos antigos da minha família, ainda que poucos, consigo ver, perceber o clima do ambiente e até sentir saudade daquela época, embora não tivesse nascido ainda.

Não anulo a importância da construção de vídeos a partir desse gênero, o que preocupa é quando feito de forma irracional, apenas pela reprodução que se deve pela falta de acesso a outras formas de se criar narrativas audiovisuais. Por isso, conhecer e entender outros repertórios é um passo para não só reproduzir, e sim criar sua própria forma de documentar.

### **3.3 NO DECORRER DAS OFICINAS**

Após compreender as questões e interesses do grupo, iniciamos os estudos sobre o documentário, através da prática e da obtenção de repertórios. Os encontros pautados no desenvolvimento de repertório sobre documentário foram significativos para estudantes das oficinas, os diversos acessos ao site do Curta na Escola<sup>17</sup> aumentaram a aproximação deles com a linguagem e conseqüentemente ampliaram a vontade de produzir.

Foi proposto a eles que produzissem um documentário sobre algum famoso que eles admirassem. O objetivo era treinar a síntese de histórias, focar na apresentação

---

<sup>17</sup> Site do projeto dedicado à utilização de curta metragem como material de apoio pedagógico na sala de aula. Para saber mais acesse: <https://curtanaescola.org.br/>.

de uma ideia e também na utilização de imagens de acervo (imagens já existentes). Essa atividade foi muito bem sucedida e percebo um antes e depois dessas produções. Os estudantes estavam confiantes com os seus vídeos e relataram o prazer de produzir esse material, pois estavam apresentando algo que além de dominar o assunto, havia um pertencimento na narrativa, um interesse afetivo.

Figura 5 - Fotografia tirada com estudantes das Oficinas de Audiovisual realizada na escola EMEB Baxmann. Ferraz de Vasconcelos, 2022.



Fonte: acervo pessoal.

Foi a partir desse encontro que apresentei a ideia da criação de um autodocumentário. Ao contrário do que imaginei, essa proposta a princípio não foi bem recebida, pois os estudantes diziam que não tinham o que contar sobre as suas vidas, que não tinham imagens de sua infância ou que queriam esquecer tal período da vida. Esse papo logo foi sumindo e deu lugar a trocas de memória que foram surgindo espontaneamente pela troca de conversa que seguia na aula. Bastou uma pergunta: Qual foi a primeira vez que você foi ao shopping? e todo mundo buscou no acervo mental uma história relacionada à questão para contar. Percebemos coletivamente que as narrativas pessoais são potentes e possuem uma dinâmica bonita de se contar através do audiovisual, porém quanto mais somos instigados com perguntas, ideias e referências, mais potente fica a nossa investigação particular.

Depois desse período, os estudantes iniciaram um ciclo de produção autobiográfica, apesar de não finalizar produzindo um curta-metragem, eles produziram diversos vídeos com temas que foram levantados em nossas conversas semanais, como por exemplo os sonhos, a infância, os medos, pessoas especiais, etc.

Nesse mesmo tempo, estava organizando uma Mostra de Artes na rede municipal de Ferraz de Vasconcelos, o objetivo desse evento era compartilhar as práticas dos professores e professoras de artes da rede para que além de conhecer, pudesse semear novas inspirações. Surgiu a ideia de produzir algo dentro das oficinas de audiovisual para apresentar nesse evento.

Figura 6 - Fotografia tirada durante as Oficinas de Audiovisual realizada na escola EMEB Baxmann. Ferraz de Vasconcelos, 2022.



Fonte: acervo pessoal.

Sem a minha invocação, os alunos e alunas sozinhos desenvolveram um roteiro e produziram um mini documentário<sup>18</sup> sobre as nossas práticas dentro das oficinas de audiovisual. Foi um presente. Esse curta foi filmado e editado totalmente pelo celular, Sophia (13) dirigiu e finalizou ele por esse dispositivo que era a principal ferramenta dos nossos encontros. Eu só tive acesso ao vídeo finalizado dez minutos antes de sua apresentação para todos do evento. Foi emocionante.

---

<sup>18</sup> Curta Metragem disponível em:  
[https://drive.google.com/file/d/1wMiGeGIOS8o3vr90vzcoBUg\\_pvoje6ne/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/1wMiGeGIOS8o3vr90vzcoBUg_pvoje6ne/view?usp=sharing). Acesso em: 02 out. 2022.

Esse evento aconteceu na sede do Rotary Club da cidade, um espaço afastado da escola, porém com o auxílio da SME conseguimos um ônibus para levar as pessoas participantes do projeto e uma sala do oitavo ano, foi o primeiro passeio escolar deles nesse ano.

O filme foi exibido para um público grande que estava no evento, inclusive a prefeita da cidade. Digo isso pois foi muito importante para todas e todos os alunos, visto que estavam há três meses assistindo as suas produções por uma tela pequena de celular, e finalmente puderam assistir as imagens em um telão gigante.

Figura 7 - Exibição do curta produzido durante as Oficinas de Audiovisual no evento da Secretária de Educação de Ferraz . Ferraz de Vasconcelos, 2022.



Fonte: acervo pessoal.

Apesar de durar apenas três meses, essas oficinas resultaram numa pesquisa e desenvolvimento de material didático para a sua realização, e assim somado aos oito anos atuando no coletivo Lentes Periféricas, foi elaborado o seguinte projeto pedagógico em corroboração a esta pesquisa que pode ser observado a seguir.

#### 4. PROJETO PEDAGÓGICO

Após compreender a junção do cinema documentário com a autobiografia, o material didático deste projeto pedagógico finalmente pode caminhar. Para isso, desenvolvemos uma publicação direcionada aos educadores chamada **manual de autodocumentação**. Nela, através da prática, estudantes e educadores poderão experimentar a produção do audiovisual por meio de propostas autorais que foram desenvolvidas através da Abordagem Triangular<sup>19</sup> e pensadas a partir da consolidação desta pesquisa para a construção de um material com o intuito de que compreendam as especificidades técnicas do documentário, e conseqüentemente do cinema, além de desenvolver caminhos de investigação de narrativas pessoais com propostas voltadas a questões biográficas, para então ao final do material, convidar os estudantes a produzirem o seu próprio documentário em curta-metragem através de todo material gerado no decorrer da publicação.

Nesses anos de experiência de sala de aula, percebi a constante busca por aulas criativas e materiais que pudessem ser incorporados no cotidiano escolar. Digo isso, pois um professor de Artes da rede pública de São Paulo com a carga mínima de aula, ou seja, trinta horas, tem em média mais de duzentos estudantes participando de suas aulas semanalmente. A grande quantidade de estudantes reduzem as possibilidades de processo artístico na criação das aulas de artes, pois muitas vezes os materiais precisam sair do bolso do próprio educador, uma vez que o material disponível na escola são de uso coletivo, não suprimindo a necessidade de todos professores da escola.

Por isso, desde o princípio houve a preocupação em desenvolver um material didático que além de fácil acesso, o educador pudesse partilhar da melhor forma em sala de aula. O projeto foi pensado e desenvolvido para ficar disponível na internet e ser baixado por educadores e educadoras. A ideia do material digital sempre foi bem quista, pois além de ser coerente com o tema, permite o compartilhamento e uso em diversas situações de ensino e aprendizagem.

Contudo, desejava também que o material pudesse ter a sua versão impressa, a qual fosse levada para a aula sem grandes custos ao educador. Desse modo, o material contará com **folhas propostas** que poderão ser impressas e entregues aos

---

<sup>19</sup> Abordagem criada pela pesquisadora e professora Ana Mae Barbosa que articula a leitura com a contextualização e o fazer artístico no ensino de Artes.

estudantes independentemente da publicação completa. Nessas folhas, além de encontrar as informações necessárias para a realização da proposta, o material comunicará diretamente aos estudantes.

Ao todo são seis propostas de produção audiovisual que fazem uma intersecção em pesquisas autobiográficas e a prática técnica da linguagem do documentário. Cada uma foca em uma parte técnica, por exemplo, a exploração do áudio na construção da narrativa visual e também de um lugar de importância social para o estudante, como a escola, casa, família, amigos, etc. Ao final dessas cinco propostas, com todo o material produzido até então, o estudante será convidado a produzir o seu próprio documentário através do gênero filme-carta.

A criação desse documentário, para além da finalização do projeto do manual de autodocumentação, é um convite para uma produção autônoma, ou seja, que o estudante possa experimentar a linguagem a partir de suas vivências, das suas vontades e assim vivenciar a linguagem audiovisual para além da parte técnica, mas principalmente pelo afeto e pela vontade de criar.

A escolha de finalizar o processo com a produção de um filme-carta deve-se pela possibilidade de construção de narrativa sob o viés do interesse de comunicarmos e compartilharmos a nossa história com outras pessoas. Essa carta poderá ser endereçada a quem o estudante escolher, ao tempo que ele desejar, seja o passado, presente ou futuro e isso possibilitará que sua criação seja mais poética, afetuosa e criativa.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa possibilitou um encontro de três conceitos que por si só dialogam sozinhos: o documentário, a autobiografia e a escola. A correlação desses pontos concentraram-se para a criação de uma proposta pedagógica chamada *manual de autodocumentação*. Esse material foi pensado para o desenvolvimento da prática do audiovisual na sala de aula, nele encontramos propostas de registros que estimulam a investigação autobiográfica dos estudantes, além de contar com diversos textos que fomentam o conhecimento das especificidades do cinema.

Quando inserimos a linguagem do audiovisual no ensino aprendizagem dos estudantes, estamos criando uma cultura de acesso que além de democratizar as produções criativas, estamos desenvolvendo relações com uma linguagem de

comunicação que cresce cada vez mais no mundo, por isso quanto mais próximos e entendedores de suas codificações, esse meio de comunicação não será distante da comunicação de todos.

Desde o começo, a percepção da pluralidade e especificidade de cada tema abordado aqui, me fizeram achar que dentro deste processo eu iria pesquisar somente o outro, iria falar segundo o que foi dito por alguém ou que toda escrita deveria ser apenas na terceira pessoa. Quando compreendi de fato o tema abordado, percebi que haviam vários “eus” que precisavam ser incorporados nesse balaio. Mesmo pesquisando a autobiografia e pontuando quase diariamente na sala de aula a sua importância, eu percebi a necessidade da narrativa particular para a construção deste trabalho nas reuniões de orientação com a Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli que sempre após os desabafos, dúvidas e sugestões, dizia com calma e clareza: “Escreva sobre isso, Thabata”. Aos poucos fui entendendo o processo de pertencimento dessa pesquisa, e isso potencializou todas as investigações, pois não havia mais uma dissociação do meu eu-professora, a eu-pesquisadora e o eu-artista.

O manual de autodocumentação surge a partir de propostas práticas e pesquisas dentro do coletivo Lentes Periféricas, são anos produzindo e pensando a arte e a comunicação através da linguagem do audiovisual, mas também – observado agora no final do processo – a práticas de registros pessoais. No processo de qualificação a Profa. Dra. Priscila Leonel de Medeiros Pereira, integrante da banca, comentou que ficou curiosa em saber se eu documentava a minha própria vida, isso ecoou e me fez visitar todos os registros, que são muitos, realizados nesses quase trinta anos de vida. Estava lá, todas as propostas escritas para o material poderiam ser exemplificadas com os vídeos que fiz na época que estudava no ensino médio com os meus amigos da escola<sup>20</sup> ou em um dos inúmeros vídeos que faço do meu pai. Em um dos vídeos ele segura uma das únicas fotografias que tenho de minha mãe e conta como eles se conheceram. Tudo está filmado da mesma forma que a proposta IV do material pedagógico sugere, quase como uma viagem no tempo da percepção.

Essa descoberta legitimou o movimento que ainda não estava claro até então: este trabalho foi desenvolvido a partir da metodologia artográfica, ou seja, foi

---

<sup>20</sup> Um dos primeiros vídeos que fiz com o meu primeiro celular. Havia a opção de pausar a gravação e continuar, um processo de edição nativa que possibilitava a criação de vídeos diferenciados para a época. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=Lhr\\_UZLQ32Y](https://www.youtube.com/watch?v=Lhr_UZLQ32Y). Acesso em: 15 mar. 2023.

realizada através da minha condição de artista, professora e pesquisadora. Esta pesquisa e consequentemente o material pedagógico, são resultados do encontro dessa tríade e desde o início do processo desencadeia transformações uma na outra como um ciclo simbiótico de estudos e experiências.

Nesse ciclo de transformações a sala de aula aconteceu. Nesse movimento de interesse pelas possibilidades da educação e da busca pela compreensão da escola como espaço de ampliação de consciência da identidade dos estudantes, a prática docente não foi realizada de forma passiva, pelo contrário, ela serviu para confrontar e reafirmar os objetivos base desse projeto, tais como assegurar a democratização ao acesso da linguagem do audiovisual através da prática, estimular a investigação autobiográfica dos estudantes e pensar ações que aproximem os estudantes das práticas educacionais, criando relações ao que está sendo ensinado, para assim transformar o espaço-escola em um lugar de pertencimento. Desse modo, os registros produzidos através da proposta pedagógica (manual de autodocumentação) irão ilustrar não somente a história individual do estudante, mas também documentar as memórias e percepções de um período e espaço de formação vivenciados no chão da escola.

## REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. Brasil: Companhia das Letras, 2019.
- BARBOSA, Ana. Mae. **A imagem no ensino da Arte**. Editora Perspectiva, 1991.
- BARBOSA, Ana. Mae. **Abordagem Triangular no ensino das artes e culturas visuais**. São Paulo: Cortez, 2010.
- COSTA, Pedro. A presença de arquétipos nos youtubers: modos e estratégias de influência. **Galaxia**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica (PUC-SP), São Paulo, n. 45, p. 5-19, 2020. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/47613/33164>. Acesso em: 12 dez. 2022.
- DEWEY, John. **Arte como experiência**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.
- DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1997.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.
- FRESQUET, Adriana. **Cinema e educação: reflexões e experiências com professores e estudantes de educação básica, dentro e “fora” da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- FUSARI, M. F. R.; FERRAZ, M. H. C. T. **Metodologia do ensino da arte**. 2. ed. São Paulo: Editora Cortez, 1999.
- JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo – diário de uma favelada**. São Paulo: Francisco Alves, 1960.
- KAPLÚN, Mario. Processos educativos e canais de comunicação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 14, jan.-abr., p. 68-75, 1999. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36846/39568>. Acesso: 12 dez. 2022.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. Desafios culturais da comunicação à educação. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, n. 18, maio-ago, p. 51-61, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36920>. Acesso em: 12 dez. 2022.

MIGLIORIN, Cezar. **Inventar com a diferença**: cinema e direitos humanos. Niterói: Editora da UFF, 2014.

MIGLIORIN, Cezar. **Ensaio no real - o documentário brasileiro hoje**. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2010.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Campinas: Papyrus, 2016.

RANCIÈRE, Jacques. **O mestre ignorante**: cinco lições sobre a emancipação intelectual. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

REIS, Maurício de Novais; ANDRADE, Marcilea Freitas Ferraz de. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, ano 17, n. 202, p. 1-11, 2018. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070>. Acesso em: 12 set. 2022.

RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso. Autobiogeografia como metodologia decolonial. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS (ANPAP), 26., 25-29 set. 2017, Campinas. **Anais [...]**. Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 2017. p. 3148-3163. Disponível em: [https://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro\\_\\_\\_\\_\\_RODRIGUES\\_Manoela\\_dos\\_Anjos\\_Afonso.pdf](https://anpap.org.br/anais/2017/PDF/PA/26encontro_____RODRIGUES_Manoela_dos_Anjos_Afonso.pdf). Acesso em: 12 dez. 2022. Tema: Memórias e InventAÇÕES.

RUFINO, Luiz. **Pedagogia da Encruzilhada**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

TELES, L. F.; MIRANDA, T. C. R. A comunicação instantânea por dispositivos móveis como suporte pedagógico no processo de ensino e aprendizagem. **Revista Educação, artes e inclusão**, v. 15, n. 1, jan.-mar., 2019. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/334755715\\_A\\_comunicacao\\_instantanea\\_por\\_dispositivos\\_moveis\\_como\\_suporte\\_pedagogico\\_no\\_processo\\_de\\_ensino\\_e\\_aprendizagem](https://www.researchgate.net/publication/334755715_A_comunicacao_instantanea_por_dispositivos_moveis_como_suporte_pedagogico_no_processo_de_ensino_e_aprendizagem). Acesso em: 18 mar. 2023.

## **APÊNDICE - Manual de Autodocumentação**

# MANUAL DE AUTODOCUMENTAÇÃO



THABATA VECCHIO



**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**INSTITUTO DE ARTES**  
**MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES**  
**PROF-ARTES**

# **AUTODOCUMENTÁRIO:**

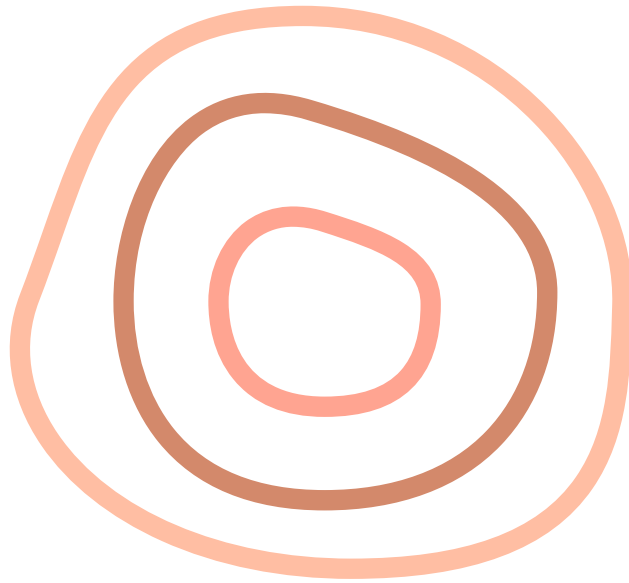
---

## **ENSINO DO DOCUMENTÁRIO PARA UMA INVESTIGAÇÃO AUTOBIOGRÁFICA NAS ESCOLAS**

**THABATA VECCHIO**

Orientadora:

Profa. Dra. Rita Luciana Berti Bredariolli



Concepção e Pesquisa | **Thabata Vecchio**

Orientação | **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rita Luciana Berti Bredariolli**

Ilustrações | **Natalia Rodrigues**

Colaboração | **Larissa Souza**

Agradecimentos | **Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Rejane Galvão Coutinho e  
Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Priscila Leonel de Medeiros Pereira**

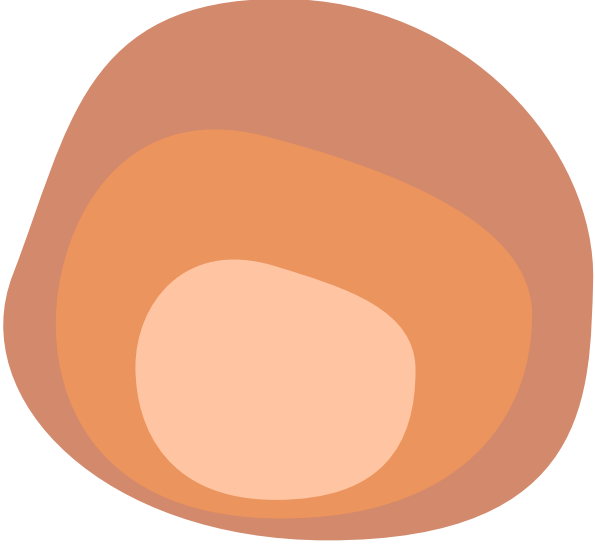
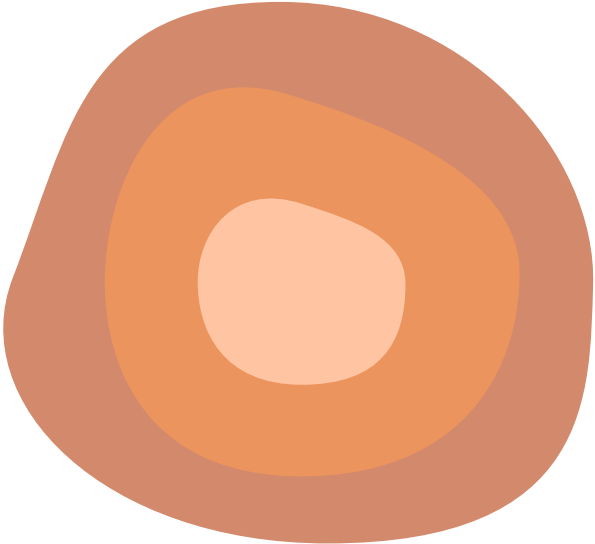
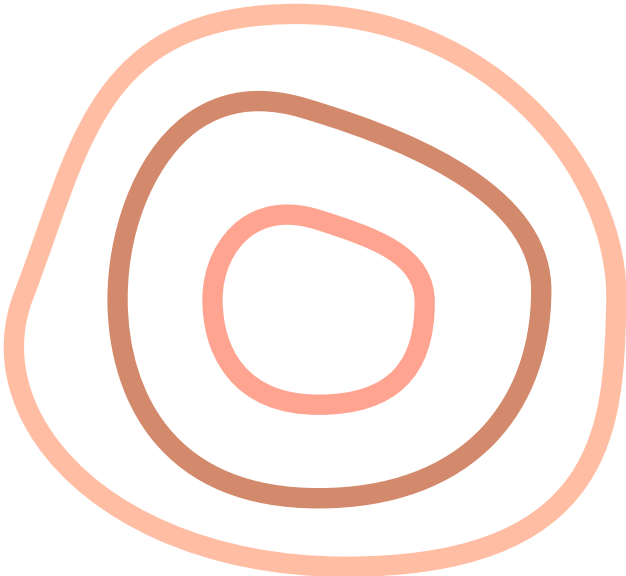
**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**

INSTITUTO DE ARTES

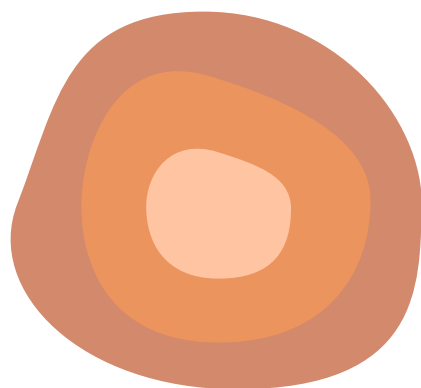
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES

**PROF-ARTES**

**2023**







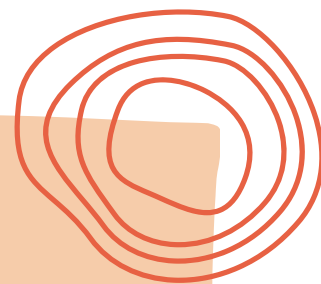
## GRAVANDO...

---

Esta publicação faz parte do projeto de pesquisa de Mestrado Profissional em Artes - PROFARTES organizado pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de São Paulo - UNESP, na qual visa a criação de uma proposta pedagógica a fim de contribuir com a democratização da linguagem do audiovisual nas escolas, além de estimular as narrativas pessoais através de produções autorais e biográficas dos estudantes.

A pesquisa foi inspirada na metodologia do Lentes Periféricas, coletivo de audiovisual formado em 2014 por jovens interessados em utilizar a linguagem como ferramenta de arte e crítica social. O coletivo propõe abordar diferentes temas acerca das periferias e de corpos periféricos, comuns às relações de seus próprios integrantes. Além de contribuir com a produção cultural independente no Estado de São Paulo.

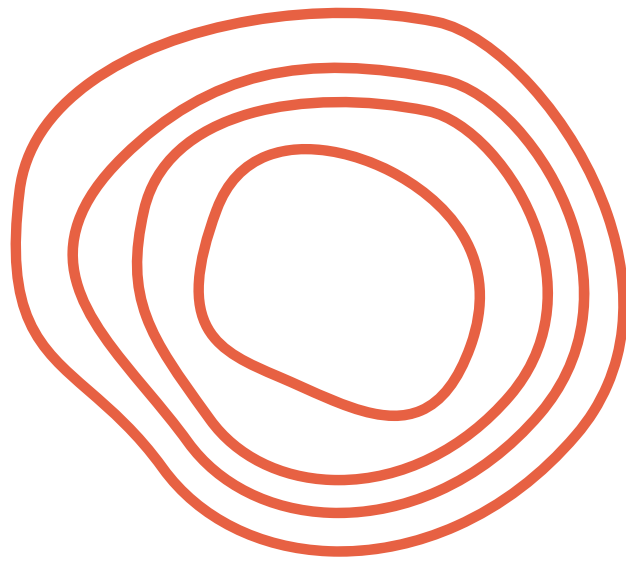




# AUTORIA

Thabata Vecchio é licenciada em Artes Visuais e mestre em Artes pela UNESP - São Paulo. Pesquisa sobre o uso do cinema como dispositivo de educação nas escolas públicas. É artista visual, educadora, pesquisadora, cineasta e professora de Artes na rede pública de São Paulo.

Integra o Lentes Periféricas, coletivo que utiliza o audiovisual como ferramenta de arte e crítica social, onde dirigiu o curta experimental *“Enveredo”* (2018), selecionado no 30º Festival Internacional de Curtas Metragens de São Paulo. Dirigiu o longa *“Que Os Olhos Ruins Não Te Enxerguem”* (2019) vencedor do prêmio de melhor longa-metragem pelo Júri Oficial e pela Crítica do 13º Festival Rainbow em Fortaleza, além de selecionado em diversos festivais. Além disso, dirigiu e produziu o curta *“Recebo Visitas Todos os Dias”* (2020) que faz parte da série documental chamada *“40m²”* (2020) produzida e disponível no streaming da Globo Play.





# APRESENTAÇÃO

---

Educadoras e educadores,

Esse material foi produzido com a intenção de democratizar a linguagem do audiovisual, pois ela não é tão difícil quanto parece, podemos aprender na prática! Por isso, nesta publicação você irá encontrar informações e dicas para trabalhar a linguagem no chão da escola.

Perceberá que a "**folha-proposta**", ou seja, as páginas que contêm as propostas deste manual, foram direcionadas aos estudantes, elas poderão ser impressas e entregues aos estudantes independentemente da publicação completa, a ideia é facilitar o uso e o desenvolvimento do manual.

Lembre-se que essa aventura é totalmente autônoma, por isso, siga sua intuição e desbrave o audiovisual o máximo que puder!

**Bom trabalho!**



# LENTES PERIFÉRICAS

Lentes Periféricas é um coletivo de audiovisual formado em 2014 por jovens interessados em utilizar a linguagem como ferramenta de arte e crítica social, no qual faço parte desde 2016. O coletivo propõe abordar diferentes temas



acerca das periferias e de corpos periféricos, comuns às relações de seus próprios integrantes. Além de contribuir com a produção cultural independente no Estado de São Paulo e por tanto, é uma das principais referências para a construção deste material.

O coletivo surge e se afirma com esse nome, a partir do desejo comum de documentar a história de uma outra ação cultural independente no bairro de Guaianases, localizado na zona leste de São Paulo: o Cine Campinho. Na época, em 2014, essa iniciativa comemorava 7 anos de luta e presença no território, onde articula até hoje exposições de filmes autorais e comerciais, cine-debates e outras ações culturais. Esse evento acontece mensalmente, desde 2007, em um campinho de futebol no Jd. Bandeirantes.

Desde então já são quase dez anos de coletivo e mais de 15 produções cinematográficas de diversas linguagens como documentários, animação, ficção, etc. O grupo se conheceu em encontros casuais de lugares comuns para quem interage com o universo audiovisual na cidade de São Paulo, porém apesar de frequentar esses espaços formativos tradicionais, o Lentes Periféricas defende a ideia de que o processo de formação e democratização do audiovisual está na prática das produções ou como dizem: colocando a mão na massa.



Roberto Maty, Douglas Barros e Thabata Vecchio durante as gravações do filme “Que Os Olhos Ruins Não Te Enxerguem”. São Paulo, 2018. Acervo Pessoal.

Guiados pela frase icônica de Glauber Rocha (1939-1981), importante cineasta brasileiro e precursor do Cinema Novo, **“Uma câmera na mão e uma ideia na cabeça”**, os processos de criação do Lentes estão voltados a prática do presente, ou seja, a preocupação maior está no desenvolvimento da narrativa a ser contada e não na reprodução técnica da linguagem.

**ACESSE O SITE DO LENTES PERIFÉRICAS  
PARA CONHECER MAIS;**

**[HTTP://WWW.LENTESPERIFERICAS.COM.BR](http://www.lentesperifericas.com.br)**

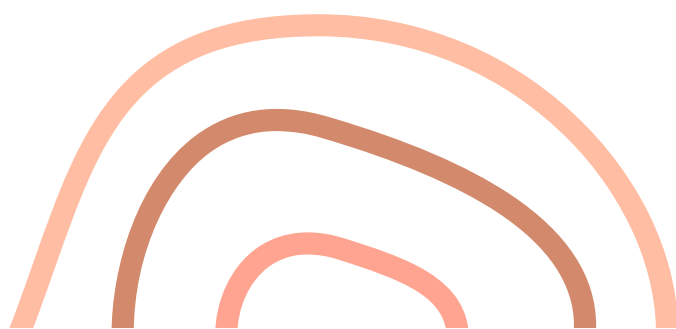
# AUTODOCUMENTÁRIO?

---

**Autodocumentário** ou **autodocumentação**, são termos utilizados para designar o ato de registrar-se através do audiovisual, nesse caso, produzindo um documentário, na qual a história que está sendo contada é de quem está produzindo o filme.

Inspirada pelo termo “*Autobiogeografia*” de Manoela dos Anjos Afonso Rodrigues, desenvolvemos este material a fim de que as narrativas pessoais sejam evidenciadas e as investigações do próprio eu, sirvam como base de uma prática libertária e autônoma.

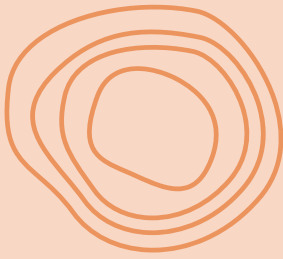
Compreender a autobiografia é evidenciar as narrativas pessoais e, principalmente, fomentar as investigações do “próprio eu”. Essa ação costuma servir para questionar o campo em que cada ser ocupa no mundo e quais são as suas bases de construção, isto é, estamos falando sobre autoestima, não aquela ligada à beleza física, mas ao ato de perceber-se como ser criador, individual e pertencente ao mundo. Podemos classificar essa prática como autônoma e libertária, ou seja, uma prática decolonial.



Ao fazer uma pesquisa autobiográfica, o indivíduo deixa de ser um ser singular para compreender-se plural. Nesta investigação, precisa perceber o seu tempo e espaço, observar quem são as pessoas que estão à sua volta, quais são os seus costumes, quais são os códigos que a sua comunidade possui, quais são as culturas que juntas formam a sua compreensão de vida e do seu próprio ser. Esse movimento tende a ser uma pesquisa profunda de sua história, de reflexões e de busca por lacunas que a história geral deixou de contar.

Quando uma pessoa investiga sua própria história, seja sobre o passado ou sobre o presente, ela entrega narrativas para o futuro, pois sua documentação relata compreensões de um período único, que sob sua ótica, revela traços de momentos históricos que sob um viés genérico e de interesses, seria totalmente apagado. Carolina Maria de Jesus (1914 -1977), escritora, poetisa e compositora é um grande exemplo disso, em um dos seus grandiosos trabalhos, Quarto de despejo: Diário de uma favelada (1960), através de uma autobiografia, ela nos deixa documentado a vida de uma mulher preta e periférica moradora da cidade de São Paulo na década de 50, além de registrar todo contexto político e social da época.





Trecho do livro **Quarto de despejo: Diário de uma favelada** (1960) escrito por **Carolina Maria de Jesus** (1914-1977).

23 DE JULHO. Liguei o radio para ouvir o drama. Fiz o almoço e deitei. Dormi uma hora e meia. Nem ouvi o final da peça. Mas, eu já conhecia a peça. Comecei fazer o meu diario. De vez em quando parava para repreender os meus filhos. Bateram na porta. Mandeí o João José abrir e mandar entrar. Era o Seu João. Perguntou-me onde encontrar folhas de batatas para sua filha buchechar um dente. Eu disse que na Portuguesinha era possível encontrar. Quiz saber o que eu escrevia. Eu disse ser o meu diario.

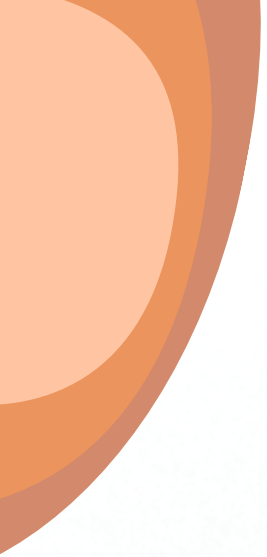
– Nunca vi uma preta gostar tanto de livros como você.

Todos tem um ideal. O meu é gostar de ler. O Seu João deu cinquenta centavos para cada menino. Quando ele me conheceu eu tinha só dois meninos.

Ninguém tem me aborrecido. Graças a Deus.

Sabendo a importância da escola na formação de uma pessoa, pensar práticas para além de um conteúdo pragmático é uma revolução. Sendo a escola um espaço de formação crítica, pensar nas individualidades dos estudantes é educar para o coletivo.

"[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora

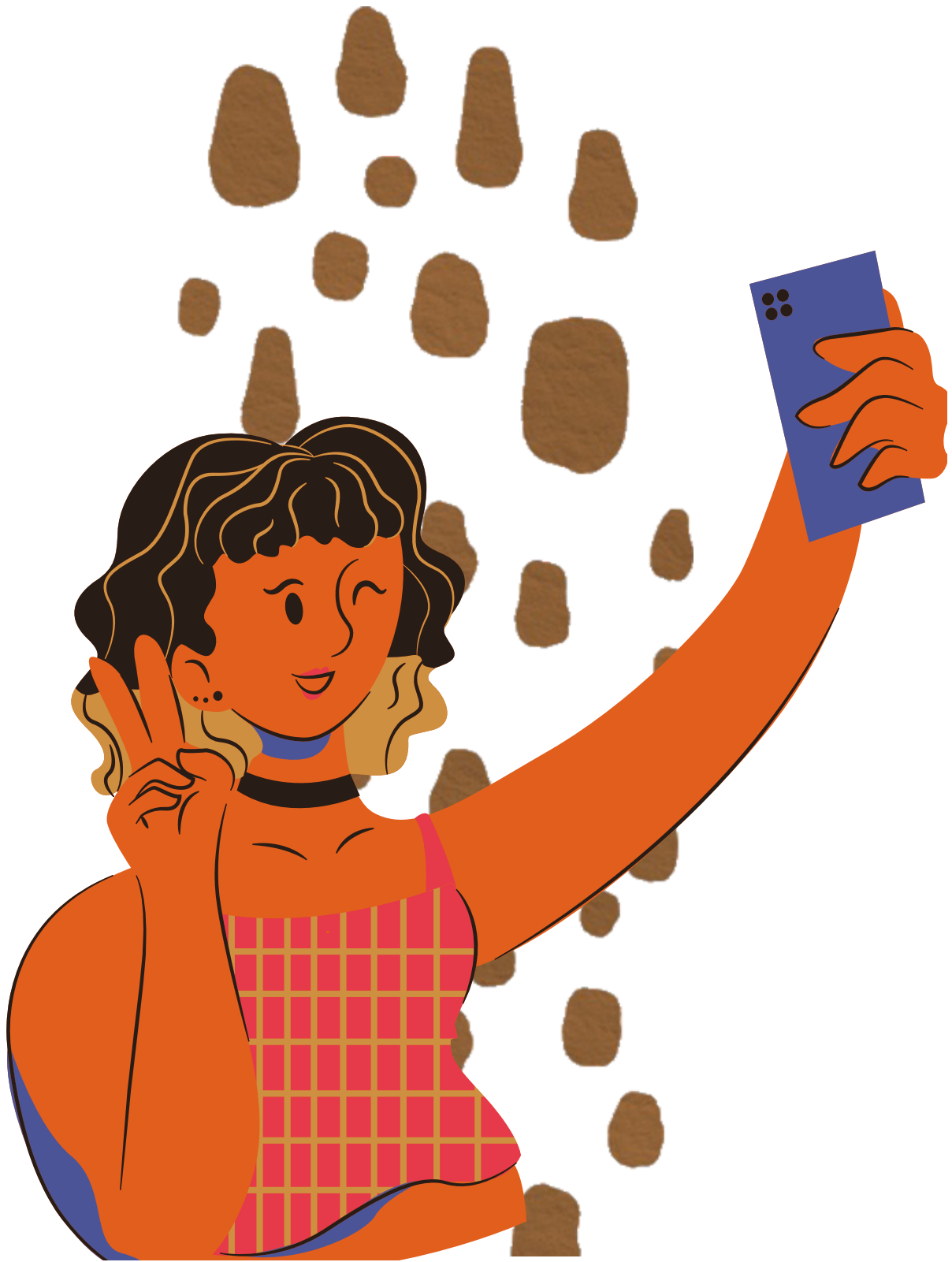


Trecho do livro **Pedagogia da autonomia** (1997) escrito por **Paulo Freire** (1921 - 1997)

ensaíam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. "

Na prática, essa ideia pode parecer utópica, já que a realidade do chão de escola e conseqüentemente do educador, não é a das mais desejadas. A grande quantidade de alunos por sala e o pouco tempo disponível de aula, contribuem para que a automatização e a repetição de ciclos aconteçam. Por isso, pensar novas práticas no espaço escolar que diminuam essas questões, como por exemplo a inserção de tecnologias que aproximem os estudantes de suas contemporaneidades e interesses, devem fazer parte da rotina da no contexto escolar contribui para novas experiências culturais, além de ampliar o ecossistema comunicativo que nos dá caminhos para Educomunicação.

Por tanto, ao convidar neste projeto de pesquisa, estudantes para que reflitam sobre as suas próprias existências e conseqüentemente produzam um autodocumentário, é uma forma de contribuir para uma educação libertadora, na qual Paulo Freire de forma singular construiu e defendeu ao longo de sua vida e que desde o início serviu como base para a construção da proposta pedagógica desta pesquisa.



# PODE USAR O CELULAR?

O audiovisual é uma das principais formas de comunicação nos dias de hoje. Seu uso está presente na arte, na ciência, no mercado e principalmente nas tecnologias. Os celulares estão cada vez mais equipados com câmeras, microfones e sistemas capazes de aperfeiçoar as produções audiovisuais. Não à toa, é cada vez mais comum em Festivais de Cinema, filmes com qualidade técnica alta que foram feitos totalmente (gravação, edição e finalização) pelo celular.

Por isso, nesse material didático convidamos você a utilizar o celular como principal ferramenta de produção dos vídeos. As propostas encontradas aqui, foram pensadas a partir deste dispositivo móvel, pois além da facilidade de locomoção para gravar por aí, há uma comodidade em utilizar aplicativos para edição de vídeos.

Explore as funções básicas que são nativas da sua câmera, baixe aplicativos de edição e claro, utilize as redes sociais também. Você sabia que elas possuem ótimas ferramentas de edição e referências para os nossos vídeos?

Vamos nessa?



# COMO SALVAR OS ARQUIVOS?

Aqui vão oito dicas para não lotar a memória do seu celular com os seus registros audiovisuais:

**1**

## CRIE UM E-MAIL

Procure um e-mail que forneça um drive gratuito e crie uma conta

**2**

## USE O DRIVE

Utilize o drive para organizar os arquivos dos registros

**3**

## CRIE UMA PASTA

Crie uma pasta para cada atividade que você realizar, assim facilitará encontrar seus arquivos

**4**

## NOMEIE OS ARQUIVOS

Além de criar uma pasta, sempre nomeie os arquivos



**6**

### **NÃO ACUMULE**

Se possível faça sempre uma seleção de matérias que não gostou e não utilizará para eliminar

**7**

### **BOA QUALIDADE**

Preste atenção ao salvar os seus vídeos no drive para que ele fique sempre em alta qualidade

**5**


### **CRIE UMA PASTA PARA REFERÊNCIAS**

Toda referência é bem vinda, para não perde-la no decorrer do processo, salve no drive também

**8**

### **ORGANIZAÇÃO**

Mantenha seu drive sempre organizado, pois ele é fundamental para a sua documentação



# SUMÁRIO

---

## #texto 1

AUTORRETRATO: mais uma selfie?

27

## folha-proposta\_

Vamos nos apresentar?

29

## #texto 2

Fotografia: A Regra dos Terços

30

## folha-proposta\_

Quais são as minhas paisagens?

33

## #texto 3

Audiovisual: As Possibilidades do som

34

## folha-proposta\_

Quais memórias a escola guarda?

37

## #texto 4

Filmes com imagens de acervo

38

## folha-proposta\_

Por onde andei?

41

## #texto 5

A visão no cinema: Planos

42

## folha-proposta\_

Histórias parceiras

45

## #texto 6

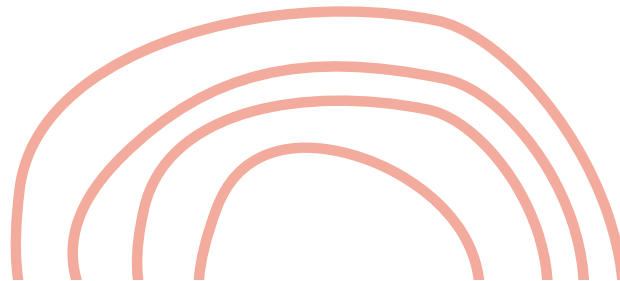
Filme-carta

46

## folha-proposta\_

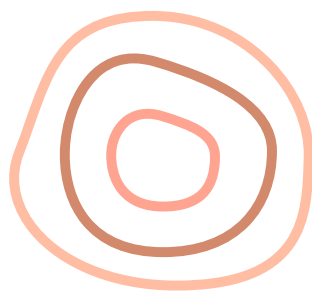
Vamos fazer um filme?

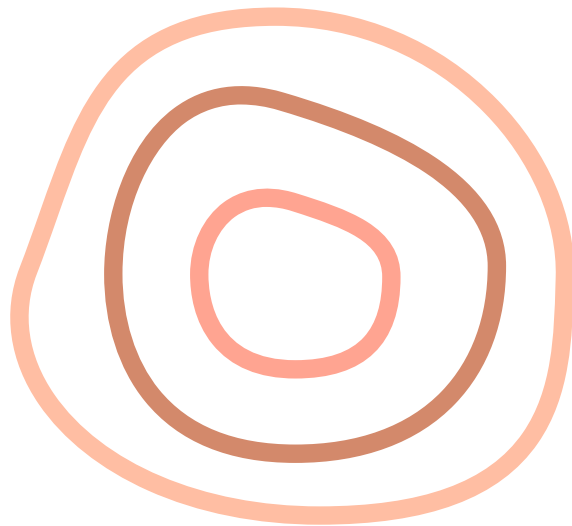
49



**Eu cometo constantemente o erro de  
pensar que algo óbvio para mim é  
óbvio para todo mundo.**

Chimamanda Ngozi Adichie





# AUTORRETRATO MAIS UMA SELFIE?

Tirar um autorretrato - as famosas selfies - ou gravar um vídeo de si são coisas comuns nos tempos atuais. Os aparelhos celulares estão cada vez mais prontos para esse feito, a câmera frontal tem a mesma qualidade que a câmera traseira. Consumimos vídeos de criadores de conteúdos do Youtube - os youtubers - e nos apropriamos das formas estabelecidas neste registro, como por exemplo o uso de filtros nas redes sociais e trejeitos utilizados para a comunicação da rede.

Quando gravamos com um padrão já estabelecido, nesse caso com os mesmos trejeitos e roteiro de Youtubers, os vídeos tendem a ficar estereotipados, a maior preocupação é em reproduzir um vídeo que seja semelhante ao que já foi assistido. O que estou querendo dizer é que há um perigo de não registrarmos mais as memórias, e sim, criar situações de reprodução estética ou de narrativa. Principalmente nesse caso da autodocumentação, na qual o interesse é registrar o nosso ponto de vista sobre a nossa história. Basta pegar um vídeo de

aniversário ou de Natal dos anos 80/90 e perceber a bagunça que estava no ambiente, nas mesas, nas roupas, nos cabelos e até nos diálogos. Isso foi substituído, hoje em dia, por imagens que buscam o melhor ângulo das pessoas, onde a bagunça, ou seja, o registro de vida, não apareça. Os vídeos já são produzidos para as redes sociais.

A questão é que a reprodução desses vídeos como de youtubers são reproduções de narrativas ideais e de desejos de consumo de ideias. Quando vejo os vídeos antigos da minha família, ainda que poucos, consigo ver, perceber o clima do ambiente e até sentir saudade daquela época, embora não tivesse nascido ainda.

Não anulo a importância da construção de vídeos a partir desse gênero, o que preocupa é quando feito de forma irracional, apenas pela reprodução que se deve pela falta de acesso a outras formas de se criar narrativas audiovisuais. Por isso, conhecer e entender outros repertórios é um passo para não só reproduzir, e sim criar sua própria forma de documentar.

Vamos aproveitar essa jornada com o manual de autodocumentação para criar registros analíticos sobre as narrativas autobiográficas, compreendendo todo esse processo como uma grande pesquisa crítica e afetuosa.

# PROPOŠTA I

---

# VAMOS NOS APRESENTAR?



Quem sou eu?

## PREPARE-SE!

Como você se apresentaria se tivesse apenas dois minutos para falar? Quais as histórias entrariam no seu roteiro? Como você iniciaria essa conversa? Prepare-se pois você está prestes a iniciar essa aventura.

## GRAVANDO...

Com a câmera virada na horizontal, procure um bom ponto de luz e apresente-se da forma que achar mais completa, lembrando que seu vídeo precisa ter até dois minutos de duração. Não esqueça de dizer as coisas mais óbvias para você, como por exemplo: o nome, onde mora, quanto anos você tem, o que mais gosta de fazer, etc...

## COMO COMEÇAR?

Nesse primeiro vídeo, preocupe-se apenas em expressar as suas ideias. Lembre-se que a princípio não é a intenção transformar esse material em uma produção para o Youtube, então tente não reproduzir os vídeos que voce conhece dessa linguagem.

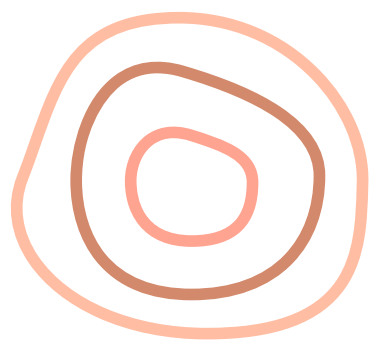
# FOTOGRAFIA

## A REGRA DOS TERÇOS

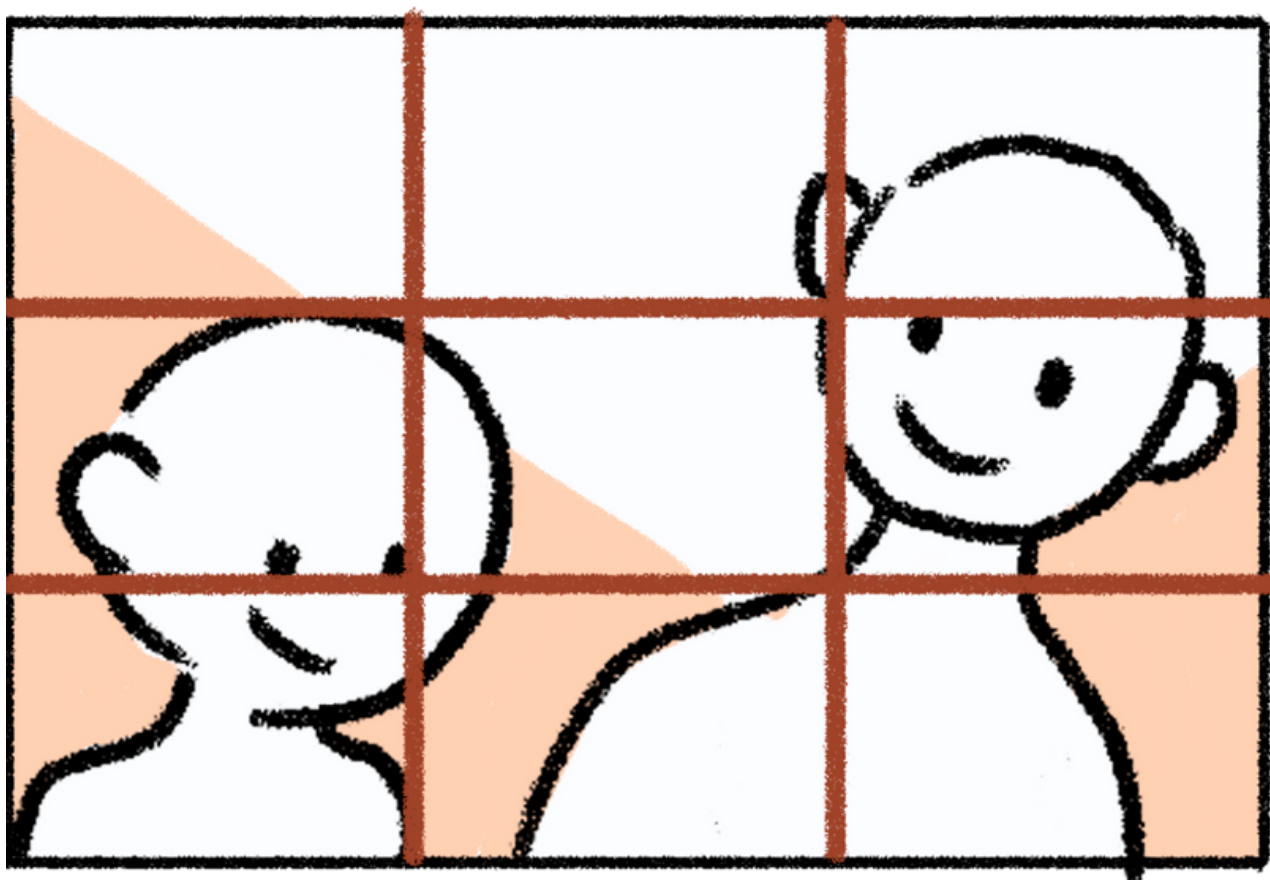
A fotografia no cinema tem como função selecionar aquilo que será mostrado, através do enquadramento - como em um recorte, um quadro retirado da realidade. Ela é responsável pela composição das imagens e em como elas serão apresentadas para dar sentido ao filme: o que será mostrado ou não, direcionando o olhar de quem assiste.

Pensar a composição de uma cena é, justamente, escolher como organizar os elementos no quadro, quais os pontos de destaque e quais cores usar.

Uma das técnicas mais utilizadas para o desenvolvimento de uma boa composição é a **Regra dos Terços**. É bem simples: são três linhas verticais e três linhas horizontais que se cruzam no espaço do enquadramento, as áreas em que as linhas se encontram são considerados pontos de maior atenção do nosso olhar - locais que notamos primeiro ao bater o olho na imagem.



A Regra dos Terços serve também como um norteador para a realização de fotografias mais alinhadas e equilibradas no sentido visual pois, através delas, é possível observar a profundidade, a proporção, elementos em primeiro plano e segundo plano.



Uma dica para a utilização da Regra dos Terços é a ativação da função “linhas de grade” ou “grelha” que podem ser encontradas nas configurações da sua câmera fotográfica ou aparelho celular. Após o seu uso constante a prática levará ao costume e ficará cada vez mais fácil pensar o enquadramento de cena com mais naturalidade.



# PROPOSTA II

---

# QUAIS SÃO AS MINHAS PAISAGENS?

O QUE EU VEJO?

## INVESTIGAÇÃO VISUAL

Vamos fazer uma investigação visual dos espaços que você frequenta? Já parou para pensar quais são as paisagens que você vê todos os dias, mas que por alguma questão acaba normalizando ao ponto de não prestar mais atenção? Vamos registrá-las?

## FOTODOCUMENTANDO

Liste 6 lugares que são importantes para você e faça três fotos de cada lugar escolhido. Tente registrar o máximo de informações possível sobre os locais escolhidos, por exemplo, use o plano aberto e detalhe para dinamizar as imagens. Lembre-se de anotar a hora e o local que a fotografia foi realizada, essas informações poderão ser utilizadas futuramente.

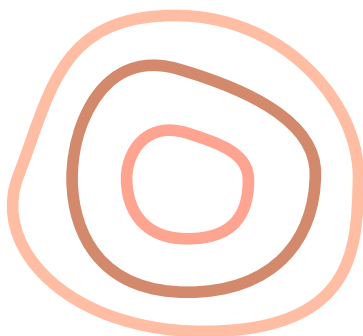
## PARA SABER MAIS

Allan Cunha é fotógrafo e artista visual. Morador da cidade de São Paulo, registra através da fotografia paisagens que observa no seu cotidiano. Vamos conferir para ampliar nossas referências? Para acessar, [clique aqui](#).



# AUDIOVISUAL

## AS POSSIBILIDADES DO SOM



O áudio é uma das características muito importantes para o desenvolvimento de um filme pois é ele que cria a ambiência necessária para que possamos nos conectar com a história que está sendo apresentada. É o áudio que orienta os rumos da história e dá dicas do que está por vir. Existem muitas formas de utilizar esse recurso, como por exemplo a trilha sonora.

A **trilha sonora** é o conjunto de sons que fazem parte de um filme, desde os sons ambientes até as músicas mais complexas - sejam elas instrumentais ou não. A trilha também é um recurso afetivo, pois através dela é possível reviver lembranças e resgatar emoções.

Uma outra possibilidade é a utilização de áudio para a construção de narrativas por meio da voz-off (quando o narrador não está presente em cena). Esse é um recurso que pode ser usado como uma forma de complementar com o som as informações trazidas por meio das imagens.

Para realizar a captação de áudios é importante ficar atento e fazer alguns testes antes, se possível. É recomendado observar se não existe nada que esteja tampando a entrada de som do seu dispositivo (celular ou câmera) e se necessário usar um microfone de fone de ouvido. Outra consideração importante é a distância do equipamento em relação ao que está sendo gravado - quanto mais distante mais interferências podem ser gravadas no áudio. Uma opção é usar o gravador de voz do celular para uma captação de som com maior qualidade, depois esse áudio poderá ser acrescentado às imagens no momento da edição.

De certo o som é fundamental para a construção das narrativas dos filmes, até mesmo na época na qual o cinema muda era a única opção de produção cinematográfica. Mesmo com a falta de tecnologias para reproduzir e gravar áudios junto das imagens, os filmes daquela época contavam com concertos ao vivo nas salas de exibições. As músicas ao vivo acompanhavam as imagens nas telas e juntas constroem as narrativas vistas pelo público.

O uso da música para a criação de narrativa é comum nos dias de hoje, temos até uma categoria de premiação no Oscar - Festival de Cinema no qual acontece nos Estados Unidos desde 1929. O documentário "Que Os Olhos Ruins Não Te Enxerguem" (2019) produzido pelo coletivo Lentes Periféricas propõe uma trilha sonora diferenciada, neste filme as falas dos personagens são mixadas e criam músicas inéditas que complementam as narrativas.

## Que Os Olhos Ruins Não Te Enxerguem

Dir.: Roberto Maty e Thabata Vecchio | Brasil | 2019 | 1h 16m | Documentário | Livre

O documentário propõe discutir a diversidade de gênero, classe e raça dentro da comunidade LGBTQIA+ na cidade de São Paulo através de dez pessoas que cruzam a cidade para viver e sobreviver.

FOTO: REPRODUÇÃO/DILVUGAÇÃO



# PROPOSTA III

---



# QUAIS MEMÓRIAS A ESCOLA GUARDA?

## O CHÃO DA ESCOLA

Você estuda desde quando nessa escola? Já parou para pensar quantos dias da sua vida você esteve nesse espaço e quantas histórias viveu nesse período? A escola é um ponto de encontro de várias pessoas que para além de estudar o conteúdo, também estão aprendendo através da convivência. Vamos investigar as suas histórias nesse território?

## GRAVANDO...

Trace um roteiro de apresentação da sua escola, vamos conhecê-la através dos seus registros.

Para isso, escolha os 3 lugares que mais gosta de sua escola e enquanto filma, conte histórias que já viveu nesse lugar. Vale lembrar o primeiro dia de aula, o lugar onde conheceu seus amigos, a sala que te lembra uma aula marcante, uma pintura na parede que você acha bonita, a cozinha onde a merenda é servida, ou seja, faça uma pesquisa na sua memória dos locais na sua escola que são mais importantes para você.

## SOM E VÍDEO

Caso prefira, grave primeiro as imagens dos lugares escolhidos e após isso grave o áudio contando as histórias e apresentando os lugares. Existem diversos aplicativos que auxiliam nessa construção, por exemplo o CapCut, disponível para android, IOS e também de forma online, [clique aqui](#) para saber mais.

Você já assistiu filmes feitos a partir de imagens de acervos, ou seja, que foram feitos com imagens antigas e pessoais? Essas imagens antigas, geralmente não possuem o intuito de serem cinematográficas, por isso criam diferentes texturas e narrativas para os filmes.

Vamos conhecer mais?



FOTO: REPRODUÇÃO/DILVUGAÇÃO

## Viver é um Frenesi

Dir.: Marcio Debellian | Brasil | 2023 | 36 min | Documentário | 12 anos

Letrux é uma das artistas mais inventivas da nova cena musical brasileira. O filme acompanha a artista em São Pedro da Aldeia (RJ/BR), uma pequena cidade litorânea onde se isolou durante a pandemia de Covid-19. Em meio ao refúgio idílico de uma cidade bela e vazia, o filme percorre caminhos de descobertas a partir do resgate de diários da adolescência e vídeos de família feitos no início dos anos 1990 na mesma região. Do isolamento à volta aos palcos no Circo Voador (RJ), em 2022, o documentário traz uma reconstrução criativa de memórias e um encontro íntimo com o imaginário poético e bem-humorado de Letrux.



## Elena

Dir.: Petra Costa | Brasil | 2012 | 1h 21m | Documentário | 12 anos

Ao viajar para Nova York, Elena segue o sonho de se tornar atriz de cinema e deixa no Brasil uma infância vivida na clandestinidade, devido à ditadura militar implantada no país, e também a irmã mais nova, Petra, de apenas sete anos. Duas décadas depois, Petra, já atriz, embarca para Nova York atrás da irmã. Em sua busca, Petra apenas tem algumas pistas, como cartas, diários e filmes caseiros. Ela acaba percorrendo os passos da irmã até encontrá-la em um lugar inesperado.

## Viajo Porque Preciso, Volto Porque Te Amo

Dir.: Marcelo Gomes e Karim Aïnouz | Brasil | 2009 | 1h 15m | Drama | 14 anos

José Renato (Irandhir Santos) tem 35 anos, é geólogo e foi enviado para realizar uma pesquisa, onde terá que atravessar todo o sertão nordestino. Sua missão é avaliar o possível percurso de um canal que será feito, desviando as águas do único rio caudaloso da região. À medida que a viagem ocorre ele percebe que possui muitas coisas em comum com os lugares por onde passa. Desde o vazio à sensação de abandono, até o isolamento, o que torna a viagem cada vez mais difícil.



# PROPOŠTA IV

---

# POR ONDE ANDEÍ?



CADÊ O MEU MUSEU?

## ÁLBUM DE FOTOGRAFIA

Qual foi a última vez que você visitou seus registros? Suas memórias fotográficas são digitais ou impressas? Quais foram os eventos mais registrados? Quais fotos são importantes para vocês?

Vamos olhar para essas imagens e reviver as suas histórias?

## ENCONTRO DE NARRATIVAS

Escolha 5 fotografias antigas do seu acervo de imagem e convide uma pessoa que fez parte da imagem ou do momento para contar curiosidades e histórias deste dia.

Pergunte para a pessoa escolhida o que ela sentia na hora da foto, quais acontecimentos antecederam o momento, o que ela sente saudade dessa época, como você estava nesse momento, etc. O importante é registrar as narrativas que estão para além da fotografia.

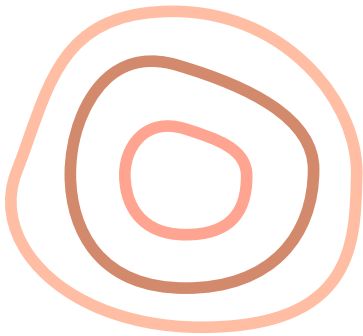
## FICA A DICA

O seu museu de imagens pode começar muito antes de você nascer, por isso pesquise as fotografias da sua família, amigos e quem mais foi importante para a sua construção, quem sabe você descobre alguma história que não conhecia.

Mas atenção, não se limite a somente escolher imagens muito antigas, o ontem também é passado e consequentemente traz memórias.

# A VISÃO NO CINEMA

## OS PLANOS CINEMATOGRAFICOS



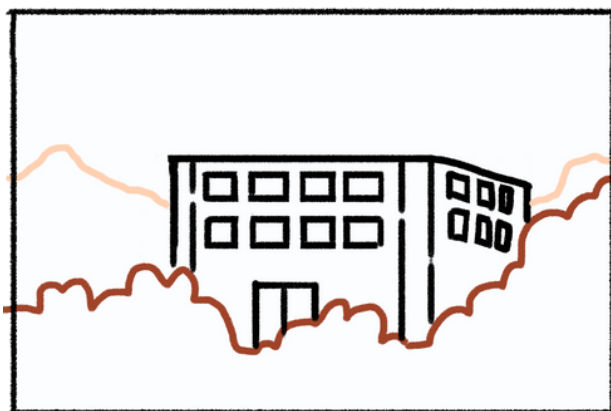
Quando falamos sobre planos cinematográficos podemos pensar na relação de espaço físico que existe entre aquilo que se está gravando e a câmera fotográfica. Existem diversos planos que podem ser utilizados para dar conta do que precisa ser expressado na captação de imagens para um filme. Entretanto aqui falaremos dos principais: plano geral, plano médio e plano detalhe.

O plano geral está associado a uma grande distância entre a cena e a câmera fotográfica, nele podemos ter uma visão ampla e completa de todos os elementos e acontecimentos que estão sendo registrados, por isso o nome geral.

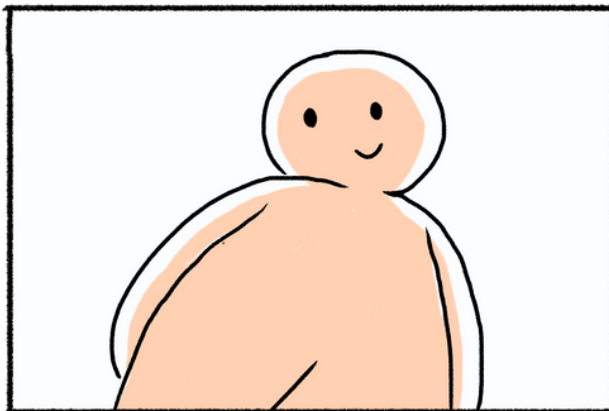
O plano médio está relacionado a um recorte que é feito no enquadramento usando como referência o plano geral. No plano médio as informações aparecem quase que pela metade - pois esse é considerado um intermediário entre o plano geral e o plano detalhe, que veremos a seguir. É como se as pessoas, por exemplo, fossem gravadas com o enquadramento da cintura para cima. Apesar de mais próximo ainda é possível ter uma visão bem completa dos elementos que estão em cena, dando destaque para as informações de maior relevância.

O plano detalhe, por sua vez, é utilizado quando o objetivo da cena é dar foco à algo que poderia facilmente passar despercebido e é conhecido também como "close". Nele as informações apresentadas em cena aparecem como principal ponto de atenção, deixando secundárias informações menos importantes para a assimilação de seu conteúdo.

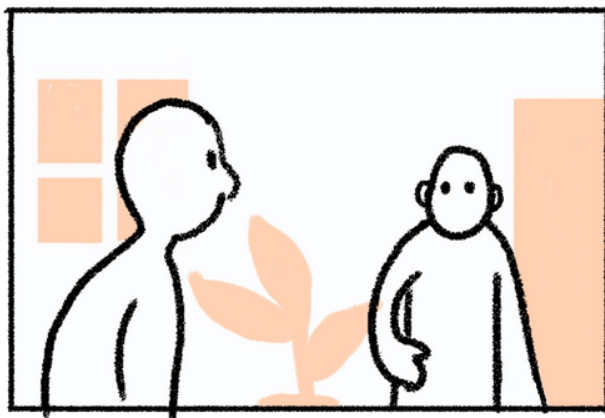
# QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS PLANOS?



**PLANO ABERTO**



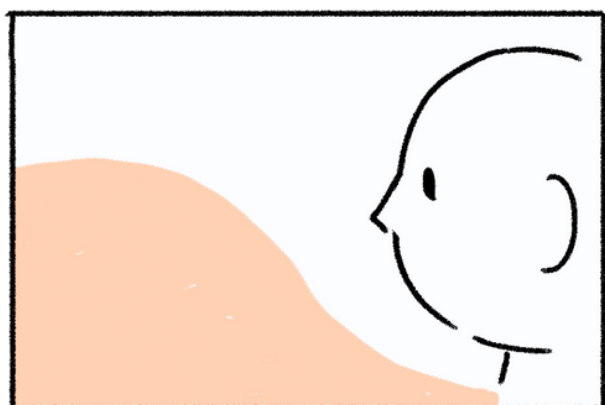
**PLANO MÉDIO CONTRA-PLONGÉE\***



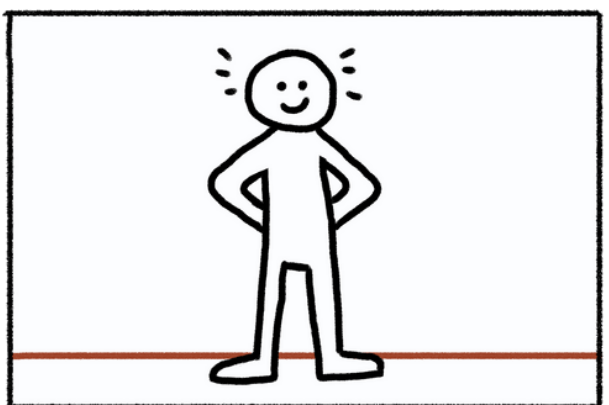
**PLANO MÉDIO**



**PLANO MÉDIO PLONGÉE**



**PLANO DETALHE**



**PLANO GERAL**

✦ **PLONGÉE** é uma palavra francesa que significa “mergulho”. Por tanto, utilizamos esse termo quando a câmera está acima do nível dos olhos, voltada para baixo. Já o **CONTRA-PLONGÉE** é quando a câmera está abaixo do nível dos olhos, voltada para cima.

# PROPOŠTAV

---

# HISTÓRIAS PARCEIRAS

narrativas amigas

## AMIZADE

Quem é a pessoa mais próxima a você? A amizade da escola que você mais troca ideia? Com quem você divide as histórias do dia a dia? Quem é a primeira pessoa que você compartilha as melhores fofocas? Vamos gravar com ela?

## COMPARTILHAR

Esse momento será feito em dupla, por isso escolha um lugar na qual ambas pessoas sintam-se à vontade para conversar. Posicione seu convidado em um local aberto e filme-o em três diferentes planos, conforme dito abaixo. Peça para que a pessoa diga como ela te vê no mundo, por exemplo, se ela acha você extrovertida, engraçada, brava, etc e depois peça a ela para contar uma memória de algo que vocês vivenciaram juntas. Após a gravação, repita a vivência, só que dessa vez invertendo os papéis. Agora você será gravada da mesma forma que gravou a sua dupla.

1. Plano Geral - muito longe.
2. Plano Médio ou Americano - mais próximo.
3. Close - muito perto.

## ATENTE-SE AS PARTES TÉCNICAS

A câmera em movimento pode estragar o áudio do seu vídeo, por isso pense antes de gravar. Você pode fazer as imagens antes e depois adicionar o áudio, ou pode gravar as imagens com o auxílio de algum tripé ou superfície que estabilize sua câmera. Use a criatividade para deixar esse momento o mais poético possível.



# FILME-CARTA

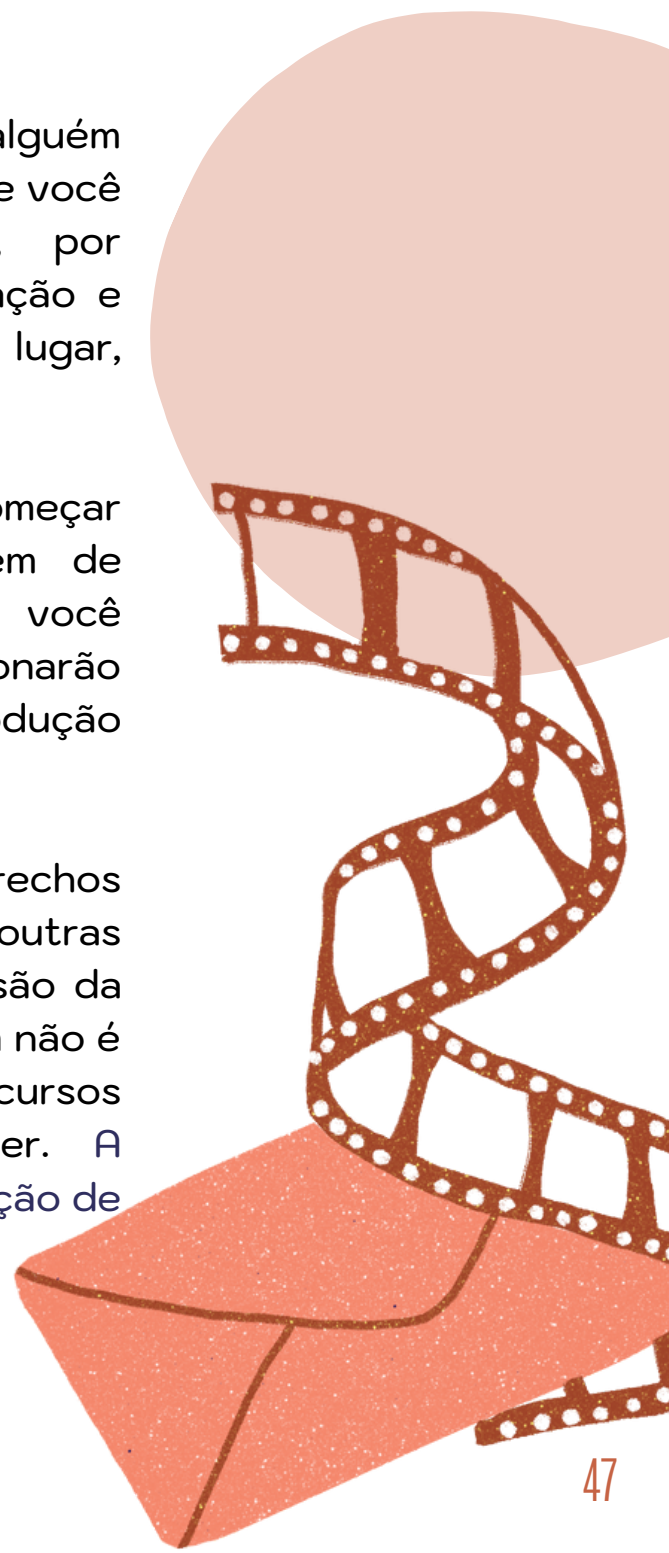
Você já enviou uma carta para alguém? Se a resposta for sim, você deve lembrar a estrutura desse gênero. A carta é um gênero textual utilizado principalmente para a comunicação, o texto reflete as intenções do remetente (emissor) ao destinatário (receptor) e por tanto, para realizá-la precisamos ter em mente quem será o destinatário, ou seja, quem irá receber a sua mensagem que você deseja enviar, certo?

O filme Cartas Filmadas (2015) produzido pelo coletivo Lentes Periféricas é um exemplo de filme-carta, na qual leva para o outro lado do oceano problemáticas enfrentadas pelos integrantes do coletivo, transformando o que antes era verso em imagens para projetar a mensagem.



O filme-carta não está longe dessa mecânica de mensagem, o processo é o mesmo, apenas a linguagem da comunicação muda, nesse caso é através do audiovisual. Por isso trouxemos dicas para a produção de um filme carta:

- Para a realização de um filme-carta, não prenda-se apenas a leitura de um material escrito. O audiovisual permite a comunicação para além do texto ou da voz, as imagens constroem grandes narrativas;
- O destinatário pode ser alguém desconhecido ou alguma pessoa que você conheça bem, como você mesmo, por exemplo. Pode ampliar a comunicação e falar com passado, futuro, com um lugar, uma memória, etc;
- Escreva várias cartas antes de começar as gravações do seu filme, além de facilitar a compreensão do que você deseja falar, essas escritas funcionarão como um roteiro para a sua produção final.
- Em uma carta você pode utilizar trechos de músicas, poesias, desenhos e outras formas de possibilitar a compreensão da sua mensagem, no seu filme também não é diferente, pense nos diversos recursos que possui para isso acontecer. A criatividade é a chave para a produção de um bom filme-carta.



# PROPOŠTA VI

---

# VAMOS FAZER UM FILME?

## INVESTIGAÇÃO BIOGRÁFICA

Desde o início você registrou vários momentos de sua vida. Foi uma grande investigação autobiográfica em torno de narrativas que perpassam o seu corpo, o que você vê e sente. Registrou pessoas que acompanham a sua caminhada e ajudam a contar a sua história. Que tal juntar todo esse material e produzir um mini documentário sobre a sua vida?

## EU NO MUNDO

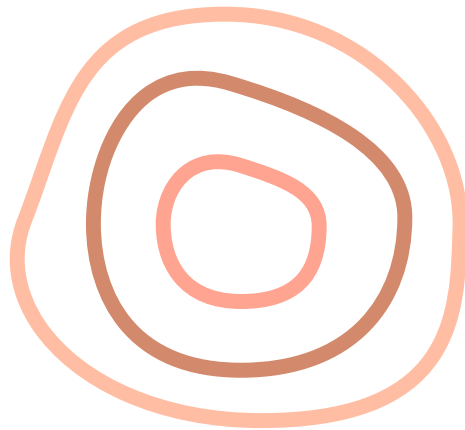
Agora é com você, assista todo o material produzido durante a sua jornada com este manual e produza um filme-carta guiada pela seguinte questão: “Como seria o documentário sobre a sua vida?”

Lembre-se que este documentário é autônomo, ou seja, você tem total liberdade para desenvolver o seu filme, mas não se esqueça de colocar em prática todas as dicas e técnicas que encontramos durante essa jornada.

## SOM E VÍDEO

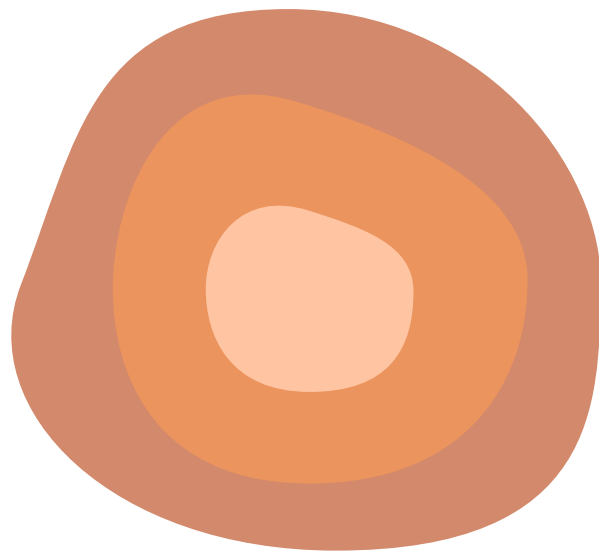
Para facilitar, escreva um roteiro para construir a narrativa do seu filme. Escolha por onde irá começar e qual será o fio condutor da sua história. Começará compartilhando as memórias? Apresentando você? Com as imagens que lhe são importantes? Não tenha receio de criar, caso sinta a necessidade, grave mais coisas, interfira no material que já possui, foque na montagem da sua narrativa.





[...] uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. É a "outredade" do "não eu", ou do tu, que me faz assumir a radicalidade de meu eu.

**Paulo Freire - Pedagogia da Autonomia**





**unesp**  
UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"

**Prof-Artes**  
Mestrado Profissional em Artes